



UFAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

REINALDO BATISTA DOS SANTOS

A (IN)VISIBILIDADE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: narrativas do cotidiano escolar e existências

MACEIÓ - AL
2022

REINALDO BATISTA DOS SANTOS

A (IN)VISIBILIDADE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: narrativas do cotidiano escolar e existências

Tese de Doutorado apresentada à banca examinadora, do Centro de Educação da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação..

Orientadora: Profa. Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes.

MACEIÓ - AL
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

S237i Santos, Reinaldo Batista dos.
A (in)visibilidade de pessoas em situação de rua : narrativas do cotidiano escolar e existências / Reinaldo Batista dos Santos. – 2022.
113 f. : il.

Orientadora: Elione Maria Nogueira Diógenes.
Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 87-91.
Apêndices: f. 92-95.
Anexos: f. 96-113.

1. Pessoas em situação de rua. 2. Cotidiano escolar. 3. Educação. 4. Imagens fotográficas. 5. História de vida. I. Título

CDU: 37-057.66

Aos meus pais, Natalício dos Santos e Lourinete Batista dos Santos, que me fizeram ser quem sou hoje: humanizado, sensível e ético.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento de gratidão, de pensar que nada se constrói individualmente. É no coletivo que a luta se firma e ganha força. Pensando nisso, não poderia deixar de agradecer a muitas pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a produção desta tese, visto que foram tecidas diversas interações nos últimos anos, ainda que as mesmas não tenham ligação direta com a pesquisa aqui discutida.

Diante disto, gostaria de expor os meus profundos agradecimentos a duas pessoas queridas que não se encontram mais presentes fisicamente entre nós, mas que estão, de alguma forma, vibrando neste momento, a saber: Natalício, meu pai; e Lourinete, minha mãe. Dois guerreiros que com batalha e amor criaram seus filhos.

Minha eterna gratidão a meus irmãos, (Raphael, Rubens, José Batista, Pedro e Rogério) e às minhas irmãs (Nívea, Neilza, Nelma, Núbia, Selma e Cicinha) e sobrinhas pelos auxílios nos momentos difíceis, nas angústias e alegrias durante todo o processo da seleção de Doutorado. Sempre juntos, um cuidando do outro.

Em especial ao meu sobrinho Josivan (*in memoria*), que se foi muito jovem, de uma forma tão cruel.

A todos os outros meus sobrinhos que me alegram e me tiram da seriedade (chata) que a vida muitas vezes nos impõe. Sorrir é preciso!

Ao meu irmão Robson (*in memoria*), falecido em 2003, que muito me incentiva a estudar. O sonho dele se fez em mim.

Ao meu companheiro Rosival Victor, uma pessoa parceira, que tem apoiado as minhas escolhas e decisões com total amorosidade. Obrigado pela escuta de sempre.

A todos os meus familiares pelo incentivo e apoio constante.

As duas minhas filhas (dogs), Zoe e Zaya, pelas suas existências em minha vida. Elas estão nesse momento ao meu lado, enquanto disserto este texto.

À professora Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes pelo grande aprendizado carregado de sentido, que motiva seus orientandos ao compromisso com a ética e política humana, numa perspectiva humanizadora. Agradeço também o carinho, a paciência e a compreensão, além de seu compromisso e dedicação na elaboração desta produção.

À banca examinadora (Profa. Dra. Inalda Maria dos Santos, Profa. Dra. Maria Dolores Fortes Alves, Profa. Dra. Roseane Maria de Amorim e Profa. Dra. Veleida Anahí da Silva) pelo comprometimento acadêmico de ler cuidadosamente este

trabalho e realizar seus pareceres que, de certa forma, contribuíram para o desenvolvimento desta tese.

Às minhas amigas: Natalia, Dayana e Hedylane, pela amizade “de longa data”. Amigas para a vida. Dayana amiga desta a graduação da UFAL. Hedy e Naty amigas deste a graduação do IFAL. Gratidão, meninas!

À minha amiga Janine Cardeal, pelos momentos de partilhas de saberes e trocas de experiências. Todo o meu profundo carinho e admiração.

Às minhas amigas Ericka e Rafa, pelas conversas de conforto e apoio durante todos esses anos (amigas deste a graduação).

Agradeço também aos incentivos de Simone Natividade, pelas trocas de experiências e ajuda constante nessa caminhada.

À gestora, coordenadoras, professores, secretárias (em especial a Val) e o pessoal do serviço geral (em destaque a Nazidir) da Escola Antônio Lins de Souza, em especial às professoras Lígia, Kátia, Líbia e Eveliani, que me acolheram e receberam com muito carinho durante todos esses anos na instituição.

À amiga Rejaneide, Assistente Social, do Centro Pop, que me acolheu quando trabalhava como educador social em 2016 e, me fez sentir mais forte a cada dia.

A Carol, educadora da abordagem social, que me auxiliou na busca constante dos sujeitos desta pesquisa.

Ao Luiz, meu amigo, que apesar da distância sempre “escuta” meus dizeres.

A Leila Carla pelas conversas partilhadas, amizade construída ao longo da graduação e fortalecida atualmente.

A Lulu, Eliane, Tarcilla e Sheylla, profissionais do CREAS e da SEMAS, que torceram para minha entrada no Doutorado. Obrigado pelo auxílio constante.

À Fabrícia, Vanessa Costa, Vanessa Sátiro e Donizete pelas trocas de palavras e constantes estímulos nessa trajetória do doutoramento.

À Fernanda Raphaella (carinhosamente Nanda) pela amizade de longa data construída dentro da UFAL e fortalecida fora dela. Gratidão pelo apoio incessante.

A Prof. Dra. Nadja Naira, minha “ex-professora” (para sempre minha professora), que torce por mim e que me incentivou desde a graduação a acreditar nos meus sonhos. Ou melhor, a concretizá-los. Não poderia deixar de mencioná-la. Fica aqui minha enorme gratidão. Suas aulas me inspiraram! Obrigado por fazer parte de toda a minha trajetória.

Aos sujeitos desta pesquisa: pessoas em situação de rua, pois sem eles a pesquisa seria impossível de ser realizada. Gratidão.

Aos meus alunos (Educação Básica e Ensino Superior), por possibilitar-me a (re)invenção de minha prática. São eles que me move e me faz apaixonar ainda mais pela docência.

Às amigas e professores da Faculdade Estácio de Alagoas: Kall Anne (atualmente da professora da UFPE), Nathalya e Maria Fernanda pelas trocas constantes de saberes.

A todos os professores do CEDU/PPGE que contribuíram com/para minha formação, mostrando-me que é preciso esperar.

Agradeço à Deus, pois é o meu refúgio nos momentos de inseguranças. Com Ele tudo faz sentido!

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença das estrelas.

(QUINTANA, 1951)

RESUMO

Esta tese traz uma reflexão sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua, na cidade de Maceió, procurando compreender a sua condição de (in)visibilidade através de imagens fotográficas (tiradas por eles) e dos diálogos provocados pelo pesquisador. Assim, trazendo à tona as suas histórias de vida e escolar, numa perspectiva social e política. Dessa forma, levanta-se a seguinte problematização central: **como e o que as pessoas em situação de rua, apoiadas em registros fotográficos (realizados por elas), narram a sua condição de existência e a sua história escolar?** A partir desta pergunta central, surgiu outra indagação: De que forma essas falas e registros revelam-se implicados com o contexto social e político? Para tais questionamentos, lança-se a hipótese de que as pessoas em situação de rua são (in)visibilizadas na sua condição de sujeitos portadores e produtores de culturas, ou seja, enquanto sujeitos que possuem saberes, histórias de vida e trajetórias escolares (interrompidas ou negadas). Do ponto de vista metodológico, optamos pelos estudos voltados para o Cotidiano (CERTEAU, 2019) e pela perspectiva teórico-metodológica Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010), tendo como instrumento de coleta de dados o registro fotográfico, cujas “cenas” eram escolhidas pelos próprios sujeitos. As imagens fotográficas foram realizadas nos bairros de Jatiúca, Pajuçara, Pinheiro e Mangabeiras, que se encontram localizados na cidade de Maceió. As memórias de vida e escolar, forjadas nessas imagens, trouxeram indícios sobre as experiências (LARROSA, 1996) desses sujeitos praticantes que se (re)inventam em suas narrativas e, sobretudo, em seu cotidiano, procurando dar sentido à sua existência que parece negada pelo(s) outro(s). Daí por que nossa pesquisa procurou dar voz e vez a essas pessoas. Para tanto, trouxe-se ao diálogo autores como Certeau (2009), Santos (2010), Larrosa(1996), entre outros, para articular conceitos e fundamentos teórico-metodológicos que pudessem sustentar as reflexões teóricas acerca de uma temática que nos obriga a lidar com os avessos. Os resultados sinalizam que as pessoas em situação de rua têm história de vida e trajetória escolar diversas, mas (in)visibilizadas por uma sociedade excludente, especialmente pela modernidade ocidental, visto que são sujeitos expostos à condição de vulnerabilidade social e econômica. Compreendeu-se, assim, a partir das imagens fotográficas e dos diálogos, que esses sujeitos buscam, de certo modo, uma "justiça social" e, ao mesmo tempo, uma "justiça cognitiva" (SANTOS, 2010), vez que as memórias, em virtude de sua dimensão subjetiva, tramam e se entranham na/pela realidade, através de (re)ações singulares e de resistência, de suas jornadas de vida e escolar.

Palavras-Chave: Pessoas em situação de rua. Cotidiano Escolar. Educação. Imagens Fotográficas. Memórias Narrativas.

ABSTRACT

This thesis reflects on the daily life of homeless people in the city of Maceió, seeking to understand their condition of (in)visibility through photographic images (taken by them) and the dialogues provoked by the researcher. Thus, bringing to light their school life stories, in a social and political perspective. In this way, the following central question arises: how and what do homeless people, supported by photographic records (made by them), narrate their condition of existence and their school history? From this central question, another question arose: How do these speeches and records reveal themselves to be involved with the social and political context? For such questions, the hypothesis is launched that homeless people are (in)visible in their condition as subjects who carry and produce cultures, that is, as subjects who have knowledge and life histories and school trajectories (interrupted or denied). From a methodological point of view, we opted for studies focused on Daily Life (CERTEAU, 2019) and for the theoretical-methodological perspective Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010), using the photographic record as a data collection instrument, whose "scenes" were chosen by the subjects themselves. The photographic images were taken in the neighborhoods of Jatiúca, Pajuçara, Pinheiro and Mangabeiras (these are territories that most prevail homeless people), which are located in the city of Maceió. The memories of life and school, forged in these images, brought evidence about the experiences (LARROSA, 1996) of these practitioners who (re)invent themselves in their narratives and, above all, in their daily lives, trying to give meaning to their existence that seems to be denied. by the other(s). That is why our research sought to give a voice to these people. For that, authors such as Certeau (2009), Santos (2010), Larrosa (1996), among others, were brought to the dialogue to articulate theoretical-methodological concepts and foundations that could support theoretical reflections about a theme that forces us to deal with the opposites. The results indicate that homeless people have a different life history and school trajectory, but they are (in)visible by an excluding society, especially by Western modernity, since they are subjects exposed to a condition of social and economic vulnerability. It was understood, therefore, from the photographic images and the dialogues, that these subjects seek, in a way, a "social justice" and, at the same time, a "cognitive justice" (SANTOS, 2010) since memories, by virtue of its subjective dimension, it plots and penetrates into/by reality through singular (re)actions and resistance, from its life and school journeys.

Keywords: Homeless people. School Daily Life. Education. Photographic. Narrative Memories.

RESUMEN

Esta tesis reflexiona sobre el cotidiano de las personas sin hogar en la ciudad de Maceió, buscando comprender su condición de (in)visibilidad a través de imágenes fotográficas (tomadas por ellos) y los diálogos provocados por la investigadora. Así, sacando a la luz sus historias de vida escolar, en una perspectiva social y política. Surge así la siguiente pregunta central: ¿cómo y qué las personas sin hogar, apoyadas en registros fotográficos (elaborados por ellas), narran su condición de existencia y su historia escolar? De esta pregunta central, surgió otra pregunta: ¿Cómo estos discursos y registros se revelan involucrados con el contexto social y político? Para tales interrogantes, se lanza la hipótesis de que las personas sin hogar son (in)visibles en su condición de sujetos portadores y productores de culturas, es decir, como sujetos poseedores de saberes, historias de vida y trayectorias escolares (interrumpidas o negadas). Desde el punto de vista metodológico, se optó por estudios centrados en la Vida Cotidiana (CERTEAU, 2019) y por la perspectiva teórico-metodológica Ecología de Saberes (SANTOS, 2010), utilizando como instrumento de recolección de datos el registro fotográfico, cuyas “escenas” fueron elegidos por los propios sujetos. Las imágenes fotográficas fueron tomadas en los barrios de Jatiúca, Pajuçara, Pinheiro y Mangabeiras (estos son territorios que más predominan las personas sin hogar), que se encuentran en la ciudad de Maceió. Las memorias de vida y de escuela, forjadas en estas imágenes, evidenciaron las vivencias (LARROSA, 1996) de estos practicantes que se (re)inventan en sus narrativas y, sobre todo, en su cotidiano, tratando de dar sentido a sus existencia que parece ser negada por el(los) otro(s). Por eso nuestra investigación buscó dar voz a estas personas. Para ello, autores como Certeau (2009), Santos (2010), Larrosa (1996), entre otros, fueron llevados al diálogo para articular conceptos y fundamentos teórico-metodológicos que pudieran sustentar reflexiones teóricas sobre un tema que nos obliga a abordar. con los opuestos. Los resultados indican que las personas sin hogar tienen una historia de vida y una trayectoria escolar diferente, pero son (in)visibles por una sociedad excluyente, especialmente por la modernidad occidental, ya que están expuestas a una condición de vulnerabilidad social y económica. Se entendió, pues, a partir de las imágenes fotográficas y los diálogos, que estos sujetos buscan, en cierto modo, una “justicia social” y, al mismo tiempo, una “justicia cognitiva” (SANTOS, 2010), desde los recuerdos, por en virtud de su dimensión subjetiva, tejen y se arraigan en/por la realidad, a través de singulares (re)acciones y resistencias, en su recorrido vital y escolar.

Palabras clave: Personas sin hogar. Educación formal. Educación. Imágenes fotográficas. Memorias narrativas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (IMAGENS) e (IMAGENS FOTOGRÁFICAS)

Imagem 1 - Refletindo sobre imagens fotográficas.....	25
Imagem 2 - Mapa do Estado de Alagoas.....	56
Imagem 3 - Mapa do bairro Mangabeiras.....	57
Imagem 4 - Mapa do bairro Jacarecica.....	57
Imagem 5 - Mapas dos bairros da Jatiúca e Ponta verde.....	58
Imagem 6 - O encontro com o outro.....	59
Imagem 7 - Reação e surpresas.....	62
Imagem 8 - A praça.....	71
Imagem 9 - Uma boa lembrança.....	72
Imagem 10 - Um lugar da felicidade.....	75
Imagem 11 - Felicidade.....	76
Imagem 12 - Conversa com Gaia.....	77
Imagem 13 - Minha sobrevivência/meu sustento.....	78
Imagem 14 - Minha sobrevivência/meu sustento 2.....	81
Imagem 15 – De costa na praça.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas voltadas para as pessoas em situação de rua.....	21
Quadro 2 - Pessoas vivendo em situação de rua – 2021/2022.....	49
Quadro 3 - Perfil dos sujeitos.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CADÚNICO	Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal
CEDU	Centro de Educação
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SEAS	Serviço Especializado de Abordagem Social
SEMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

Sumário

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. O tocar do outro: surgimento da pesquisa	19
1.2. O encontro com o outro: a relação do tema com a história de vida como educador social	22
1.3. Ciência, Arte e Vida: o entrelaçar de registros numa perspectiva afetiva	26
2. COTIDIANO E A ECOLOGIA DE SABERES: a pesquisa em ação	31
2.1. Os procedimentos metodológicos e sua organização estrutural: a fotografia como técnica de coleta de dados	32
2.2. O lugar do pesquisador: os estudos voltados para o cotidiano	35
2.3. A (in)visibilidade a partir da categoria “ecologia de saberes”: narrando experiências.....	37
2.4. Os sujeitos da pesquisa: traços da (in)visibilidade e as marcas do silêncio.....	41
3. ORDEM CAPITALISTA NEOLIBERAL: a subsunção dos sujeitos que habitam a rua	45
3.1. O sistema capitalista e o cotidiano das pessoas em situação de rua.....	47
3.2. Sentidos materiais da expressão “fique em casa!”: a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua.....	49
4. O CENÁRIO DAS RUAS: as imagens que revelam a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua	52
4.1. Saga Itinerante de um flâneur: o olhar (dis)traído pelos (en)cantos do cotidiano.....	53
4.2. (A)colhendo os dados iniciais: primeiros passos da pesquisa.....	55
4.3. Aproximando-se dos sujeitos praticantes: o encontro com as pessoas em situação de rua através de imagens fotográficas.....	56
4.4. A solicitação das fotografias: (re)ações e surpresas.....	61
4.5. A fotografia como possibilidade de revelação dos saberes e histórias de vida.....	65
5. NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DE VIDA E ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	67
5.1. Poseidon: Deus do mar.....	70
5.2. Héstia: Deusa do fogo.....	75
5.3. Gaia: A Deusa da Terra.....	77
5.4. Éolo: Deus do vento.....	81

6. CONSIDERAÇÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICES.....	92
ANEXOS.....	96

1. INTRODUÇÃO¹

Esta tese traz uma reflexão, a partir da análise de dados, sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua na cidade de Maceió, procurando compreender, através das fotografias tiradas por eles e dos diálogos provocados pelo pesquisador, a sua condição de (in)visibilidade dentro de um determinado contexto social, econômico e político².

Nesse sentido, estão destacadas as narrativas do cotidiano escolar e de história de vida desses sujeitos. A decisão metodológica por tal temática se deu em virtude de eu estar mais próximo a pessoas em situação de rua na cidade de Maceió, por conta de minha primeira experiência profissional como Educador Social no Serviço Especializado em Abordagem Social, vinculado a Secretaria Municipal de Assistência Social de Maceió (SEMAS).

Em 2016 fui selecionado, através de um Edital público, para atuar como Educador Social no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop), um serviço oferecido pela Secretaria acima citada – SEMAS. De modo geral, a função³ de Educador Social neste espaço era desenvolver atividades educativas, culturais e sociais junto as pessoas em situação de rua. Essa aproximação trouxe uma experiência singular a minha formação de Educador/Pedagogo, pois, como diz Larrosa (1996), a experiência, embora seja um termo já naturalizado enquanto um discurso, na verdade, é um conceito complexo de consequências de ordem conceitual, sobretudo no campo da Educação, que será discutido mais adiante.

O trabalho desenvolvido em uma unidade de abrangência municipal, que ofertava o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, afetou o meu modo de olhar para a realidade dessa população, em particular. O caminho percorrido possibilitou que eu partisse do olhar de estranhamento ao interesse e identificação com diferentes realidades que desdobraram-se no cotidiano do trabalho.

¹ Em alguns momentos permitindo-me o uso da primeira pessoa do singular quando necessário, devido a especificidade da tese.

² A pesquisa de campo foi realizada entre os anos 2019 a 2020.

³ É importante dizer também: é um serviço especializado que incentiva o protagonismo dos sujeitos, oferecendo atendimentos individuais e coletivos, por meio de oficinas e atividades de convívio e socialização.

O interesse em estudar sobre a (in)visibilidade dessas pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social surgiu em 2016, quando tão logo percebi que eles nem sequer eram considerados como sujeitos de direito. Afinal, seus direitos civis são negligenciados pelo poder público. Os direitos civis são aqueles relacionados às liberdades individuais. O Artigo 5º da Constituição Federal de 1988 é responsável por garanti-los. O Artigo 5º contém 78 incisos. Eles objetivam garantir inúmeros direitos civis aos brasileiros e às brasileiras, a saber: direito à educação, à saúde, ao trabalho entre outros direitos civis. Eles devem ser garantidos aos cidadãos pelo simples fato de eles pertencerem a uma sociedade. No que diz respeito ao direito a Educação, A Constituição relata em seu Capítulo III, art. 205 :

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Nesse sentido, apesar de ser um direito de todo cidadão, as pessoas em situação de rua estão “fora” da escola. Ficam, assim, expostos a todo tipo de violência, inclusive à “violência simbólica”⁴. Até por que, como diz Bourdieu (1989), a cultura dominante, especialmente numa sociedade capitalista, cujo modelo socioeconômico é marcado pela exclusão social e pautado na financeirização da economia, mascara-se, estrategicamente, para esconder as contradições de classes sociais. A rua não deixa de ser, então, uma espécie de refúgio para aplacar certo sofrimento psíquico diante do irremediável sentimento de abandono. Estar em situação de rua é expor-se ao estado de desamparo (buscando de alguma maneira uma visibilidade) e, ao mesmo tempo, é “apagar-se” enquanto cidadão pela perda de identidade (colocando-se à mercê da invisibilidade). Contraditoriamente, é nesse jogo de visibilidade/invisibilidade na qual se opera a dinâmica de quem está em situação de rua na cidade de Maceió.

Vale ressaltar que o uso da conjugação na primeira pessoa do plural em certos trechos desta tese, é uma tentativa, do ponto de vista metodológico, de dar potência a relação estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, sublinhando, assim, os efeitos de um vínculo afetivo que não se pode silenciar quando se trata de uma pesquisa voltada para o cotidiano. Assim, neste trabalho, reitero a pluralidade de

⁴ Para maior compreensão da expressão “violência simbólica” ver a obra “O Poder simbólico”, de Bourdieu (1989).

sujeitos que realizam juntamente comigo, a tarefa de narrar esta pesquisa acerca das implicações sobre suas narrativas e histórias de vida. Ou seja, é preciso dizer como tudo começou. Como esses sujeitos me afetaram, enquanto pesquisador. Desse modo, coloquei-me também como um narrador. Enquanto narrador sou tocado pelas experiências. Assim, narrar experiência, implica levar em consideração que as pessoas em situação de rua são sujeitos construtores e produtores de culturas, que experimentam nas suas vidas, aquilo em que o mundo lhes impacta.

Sobre isto, Benjamim (1994) relata que a narrativa durante tanto tempo floresceu no meio do artesanato, no campo, no mar, na cidade, sempre entrelaçada por vozes de gente. Como menciona Freire (1996), sou gente:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo (FREIRE, 1996, p. 53).

A narrativa revela a riqueza da experiência, potencializando a capacidade de criação durante a própria narração. A experiência sendo contada a partir da narração potencializa e conduz a um mundo desconhecido. Este estudo mais do que troca de informações, está atravessado por experiências, como diria Larrosa (2002) a experiência é aquilo que nos toca, nos afeta intimamente.

Lembro-me no ano de 2016 quando comecei a ter contato mais próximo com esses sujeitos. Não foi uma tarefa fácil, ao contrário, bastante desafiadora e, ao mesmo tempo, um desejo de não estar ali, por não saber “lidar” com aqueles sujeitos⁵. Mas afirmo, cuidadosamente, que a narração, aqui pretendida, compreende toda trajetória a partir do meu primeiro contato com as pessoas em situação de rua, que antecede a elaboração e materialização desta pesquisa, pois minha primeira experiência com as pessoas em situação de rua ocorreu profissionalmente enquanto trabalhava como Educador Social no ano de 2016.

O tempo foi passando e os vínculos foram ficando cada vez mais fortes. Daí por que comecei a pensar o quanto aquela realidade se confundia, de alguma forma, com a minha história. Não à toa estou hoje escrevendo sobre as pessoas em situação

⁵ Os sujeitos desta pesquisa são as pessoas em situação de rua. Eles serão apresentados com mais detalhamento na segunda seção.

de rua que, de alguma forma, são (in)visibilizadas pela sociedade, mas que me afetaram e me tocam até hoje. Desse modo, o nosso discurso tem uma identidade própria que dialoga com a realidade cultural dos sujeitos que participaram do desenvolvimento desta pesquisa.

Nesse sentido, este trabalho, além de uma reflexão teórica acerca do cotidiano das pessoas em situação de rua, faz um enfrentamento, do ponto de vista epistemológico, ao modo banalizado de se chamar esses sujeitos de “moradores de rua”. Mais do que uma troca de nomeação, trata-se de uma mudança conceitual, que traz consequências, inclusive, para as conquistas de políticas públicas voltadas para essa população. Até por que “moradores de rua” é uma expressão que rouba ainda mais a identidade do sujeito, fazendo com que ele não se reconheça como cidadão nesse contexto perverso de exclusão social. Assim, diz respeito a uma partilha da própria concepção de mundo que os envolvidos possuem, uma abertura para o diálogo, e ao mesmo tempo, uma abertura para relevar o que os motiva, inspira e representa o cotidiano no qual estão inseridos.

Diante disso, este estudo parte da compreensão que a relação estabelecida entre pesquisador e sujeitos da pesquisa deve estar pautada no diálogo. Porém, esse diálogo não deve ser entendido como uma relação vertical entre os dois polos daqueles que se comunicam. Pelo contrário, Freire (1998) define diálogo como uma relação horizontal entre A e B. Ou seja, o fato de haver saberes diferentes, resultante das vivências de cada sujeito, é o que possibilita uma troca mais efetiva entre os pares: as diferenças são confrontadas, a discussão se potencializa e a solidariedade acontece. No lugar da imposição de uma verdade dominante, abrem-se brechas para gerar um pensamento ousado e inovador. O mais importante, portanto, é criar um espaço de diálogo que enriqueça os diferentes pontos de vista. Logo, não é uma disputa entre quem sabe mais, mas sim uma forma legítima de “amorosidade” ao outro: dos seus afetos, emoções e sentimentos que a todo instante atravessam os seus saberes. Assim, essa relação deve nutrir-se das seguintes características: amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança. (JÚNIOR; NOGUEIRA, 2011).

1.1 O “tocar do outro”: surgimento da pesquisa

O outro me tocou e a experiência se fez em mim. Os outros são todos aqueles que me tocaram durante minha vida. Passar pela abordagem social me fez amadurecer enquanto profissional e ser humano. A abordagem social, configura-se a partir de um processo de atividade que requer planejamento, pois lida com uma escuta qualificada, tentando, inclusive, criar vínculo de confiança com os sujeitos em situação de rua. É possível encontrar em Maceió os Serviços Especializados em Abordagem Social, vinculados aos CREAS (Centro de Referência Especializada de Assistência Social). O CREAS é um centro de referência público da política de Assistência Social. Nesse espaço, são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco e vulnerabilidade social ou tiveram seus direitos violados.

Durante essa minha experiência profissional e realização da pesquisa, escutava diversas histórias todos os dias. A cada encontro, uma nova aventura, uma nova história, uma nova descoberta. Histórias que a sociedade tenta velar, ocultar ou simplesmente (in)visibilizar. Esse olhar sensível nos conduziu ao campo de pesquisa com a determinação dessa atitude de uma escuta sensível. Não um escutar ingênuo e passivo, mas o escutar que permite o outro dizer, narrar, contar sobre seus fatos e dilemas. E isso só é possível quando o outro nos permite sentir seguros, à vontade, ou melhor, quando se sente familiarizado. E isto nos permite ter uma postura estética e ética, vez que buscamos estabelecer a dialogicidade entre os pares, permitindo uma consciência crítica capaz de pensar a si e os outros e agir em favor de si e dos outros visando à transformação da realidade, numa perspectiva estética. Assim, reconhecendo o sujeito como outro, um parceiro em toda a sua totalidade (BUBER, 1982).

E voltar-se para os sujeitos da pesquisa é ter presente toda a sua realidade, toda a sua vida, conhecê-lo e não desvincular nenhum dos processos históricos e sociais dessa realidade. Além disso, podemos dizer que os sujeitos participantes desta pesquisa, tornam-se artistas, pois o processo todo do ser que está em construção é um processo estético (TREZZI, 2017).

Escutar o outro é um ato de humanidade. Sensibilizar é um ato político. É retirar o véu que “acoberta” nossas amarras endurecidas, é se deixar levar pelos dizeres e pelas histórias reinventadas pelo/do outro. Foi a partir desse olhar sensível que começamos a refletir sobre o outro. De fato, nossos olhares foram ficando cada vez

mais curiosos sobre essas pessoas que, embora subalternizados, vulneráveis e (in)visibilizados, revelam práticas, saberes e fazeres repletos de táticas para lidar com o cotidiano e, ao mesmo tempo, astúcias para se apoderarem de práticas culturais próprias que encontram nas ruas.

Nossa motivação de pesquisa recaiu sobre esses sujeitos pelo fato de eles estarem em condição de vulnerabilidade social, levando-os a um contato diário com pessoas nas ruas – impregnadas, muitas vezes, de vozes com certo tom de “arrogância” sobre o saber, sobre o ser. Uma espécie de demarcação de território, o que não deixa de ser uma forma “[...] da apropriação do espaço e de sua privatização” (CERTEAU, 2009, p.165). Afinal, esses sujeitos “incomodam” a sociedade capitalista. Então, para esta sociedade, é melhor (in)visibilizá-los, excluí-los, uma vez que eles não dão retorno ao capital. Ou seja, não fazem parte da linha de produção do capital. Explicando melhor: eles não produzem para o capitalismo, uma vez que não servem de mão de obra barata. Porém, o capital também se beneficia deles, visto que apesar das políticas públicas (exemplo: CREAS) voltadas para esses sujeitos, eles continuam negligenciados, pois não se tem uma política pública que atue de forma precisa e resgate-os da rua, garantindo-lhes seus direitos civis (já mencionado aqui).

E isso nos leva a refletir aquilo que Freire coloca como uma questão importante: o processo de humanização dos seres humanos (vocaçã o antológica – o “ser mais”). Aspecto este que está sendo negado à pessoa em situação de rua, tornando um movimento de desumanidade, ou melhor, a desumanização. Daí a importância de trazer à tona as histórias desses sujeitos, de dar voz e vez. Assim,

Postula-se finalmente a necessidade da libertação dos seres humanos de sua condição de desumanizados através da passagem da consciência ingênua a uma consciência crítica que os possibilita a sair de sua condição de passividade e tornarem-se sujeitos de sua própria história. (JÚNIOR; NOGUEIRA, 2011, p. 2)

Nesse contexto, discutir sobre esses sujeitos nos espaços da Universidade, e principalmente no campo da educação, é de grande valia, pois na educação pouco se discute (exemplo disso são os poucos trabalhos encontrados nesta área, conforme o levantamento realizado sobre dissertações e teses acerca das pessoas em situação de rua), uma vez que os sujeitos de rua “não fazem parte” dos estudos dos pesquisadores da área de educação nos últimos cinco anos, pois ao buscar no repositório institucional da UFAL e no Banco de Teses e Dissertações da

Coordenação e Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) não encontramos nenhum trabalho em educação voltado para pessoa em situação de rua (entre 2014 a 2019). Para tanto, utilizou-se os descritores “pessoa em situação de rua”, “população de rua” e “morador de rua”. Porém, foram encontradas duas dissertações em outras áreas sobre essas pessoas em situação de rua, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Pesquisas voltadas para as pessoas em situação de rua

Local – site de busca	Título do trabalho	Tipo	Data	Área - Campo
Repositório UFAL	Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na psicologia cultural.	Dissertação	2018	Psicologia
Repositório UFAL	O cuidado às pessoas em situação de rua de Maceió-Alagoas: um estudo de caso	Dissertação	2016	Psicologia

Fonte: Pesquisador, 2019.

Ao fazer a busca, vale ressaltar que encontramos uma dissertação de mestrado na área de educação sobre os educadores que trabalham com pessoas em situação de rua, mas as pessoas em situação de rua não foram “protagonistas” da dissertação, tal como revela o título da dissertação: “**Educadores sociais de rua: discursos a (des)velar**”, publicada no ano de 2009. Além disso, a dissertação não se enquadrava ao filtro da busca, pois realizamos a busca apenas de trabalhos que foram publicados no período de 2014 a 2019. As palavras-chaves que utilizamos no portal foram “pessoa em situação de rua”, “população de rua” e “morador de rua”.

Ao realizar essa busca exploratória, percebemos poucos trabalhos voltados para esses sujeitos que, de alguma forma, são excluídos do convívio social na sociedade. Com intenção de dar visibilidade a essas pessoas, brotou o interesse de trabalhar com imagens fotográficas, pois temos como hipótese que as pessoas em situação de rua são (in)visibilizadas pela sociedade moderna, visto que são sujeitos vivendo à margem da sociedade, ou seja, pessoas privadas do atendimento às necessidades básicas humanas.

Nesse sentido, as imagens fotográficas não deixam de ser uma possibilidade de os sujeitos revelarem-se subjetivamente como “ser mais” (FREIRE, 1979), possibilitando as pessoas a pensarem criticamente sobre a sua realidade. Além disso, fomenta o diálogo entre os sujeitos e o próprio pesquisador. Para Freire (1979), isto é, a conscientização e diálogo – a passagem da consciência ingênua à consciência crítica. Não é à toa que Freire (1969) retrata em seus textos as ideias de: “ele entende que a vocação do ser humano é a busca de sua própria humanização: a busca do “ser mais”, ou seja: “o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se-lhe como um imperativo que deve ser existencializado” (FREIRE, 1979, p. 127).

Levando em consideração o objetivo principal desta tese, que é **refletir sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua, na cidade de Maceió, procurando compreender a sua condição de (in)visibilidade, através de imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos, numa perspectiva social, econômica e política**, surgiu o seguinte questionamento central: **Como e o que as pessoas em situação de rua, apoiadas em registros fotográficos (realizados por elas), narram a sua condição de existência e a sua história escolar?** Desta pergunta central, surgiu outra indagação: De que forma essas falas e registros revelam-se implicados com o contexto social, econômico e político?

Para refletir sobre tal indagação, trazemos os estudos voltados para o cotidiano e ecologia de saberes, que contribuem, de alguma forma, para o processo de visibilidade dos sujeitos que fazem parte desta pesquisa. Assim, procurando olhar para esses sujeitos de forma ética, política e estética. Ao trazer as memórias narrativas desses sujeitos, é uma tentativa de dar voz aos subalternizados neste “espaço praticado” (CERTEAU, 2009). Mais que isso, é tentar tirá-los da zona da (in)visibilidade, através de suas histórias e de seus saberes-fazer por meio de imagens fotográficas e diálogos.

Sendo coerente com o objetivo e o questionamento central deste estudo, defendemos a **tese de que as pessoas em situação de rua têm histórias de vida e escolar diversas, mas sempre apagadas pela sociedade moderna ocidental, visto que são sujeitos expostos à condição de vulnerabilidade social, econômica e cultural**. Assim, utilizamos metodologicamente as imagens fotográficas

(tiradas por eles) e diálogos, no intuito de que os sujeitos possam expressar seus desejos, anseios e experiência cotidiana.

Esta pesquisa possibilitou, na posição de pesquisador, (re)ver, neste entrelaçamento de vozes, a minha própria história e até mesmo as minhas (pre)tensões, que me deixaram marcas no/pelo caminho. A cada encontro com esses sujeitos uma conversa. A cada encontro uma novidade, uma vez que ao longo desta trajetória foi-se criando uma relação de afeto entre esses sujeitos e eu, mesmo estando na posição de pesquisador. Uma espécie de cumplicidade, talvez. Afinal, não foram poucas as caminhadas para localizá-los em diversos bairros⁶ da cidade de Maceió. Suas narrativas tinham ares de confissão, de desabafo. Muitas de suas histórias foram narradas por meio das imagens fotográficas. Como diz Certeau (2009, p. 185), “Os relatos (...) organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros”.

Vale também dizer que esta Tese se insere no campo da Educação e tem como autores centrais: Bakhtin (1997), Benjamin (1994), Certeau (2009), Freire (1998), Larrosa (1996), e Santos (2004). Bakhtin (1997) permite refletir, entre outras questões, sobre ciência, a arte e vida, aspectos indissociáveis, que nos leva a uma atitude ética, política e responsiva. Freire (1998) possibilita pensar as narrativas dos sujeitos atravessadas pelas imagens fotográficas como uma possibilidade deles revelarem-se subjetivamente como “ser mais”. Larrosa (1996) e Benjamin (1994) nos ajudam a pensar sobre a questão da experiência como algo que nos acontece, nos afeta. Também trazemos para contribuir com o diálogo, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2004), que nos faz pensar sobre as condições de subalternidade a que estão expostas as pessoas em situação de rua. E não poderíamos esquecer de trazer Certeau (2009), vez que ele contribui fortemente para compreendermos o cotidiano desses sujeitos, que de alguma forma, conseguem ocupar espaços nas ruas, transformando-os em “espaços praticados” (CERTEAU, 2009). Em outras palavras, nos ajuda a desvelar as “táticas” (idem, idem) por eles utilizadas para sobreviverem num ambiente da rua tingido por culturas, diversidades e letramentos diversos.

⁶ Os bairros de Maceió que fizeram parte da pesquisa foram: Jatiúca, Ponta Verde, Mangabeiras, Jacarecica, Pinheiro. A caracterização dos bairros e justificativa por tais escolhas também encontram-se na seção quatro.

1.2.O encontro com o outro: a relação do tema com a história de vida como educador social

Minha trajetória de vida está implicada com as histórias desses sujeitos. Uma trajetória de vida marcada por desafios e sonhos. Discorrer sobre a trajetória de vida pessoal e profissional provoca em mim uma intensa emoção, desafiado que sou a revisitar o meu passado. Passado que me leva a momentos desafiadores, angustiantes e superáveis. Foi nesse passado, não muito distante, que trabalhei como Educador Social.

Lembro-me, em 2016, quando fui selecionado para trabalhar como Educador Social pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Maceió, logo fui lotado no Centro Pop (Centro de Referência para População de Rua). Local que jamais imaginaria que pudesse vivenciar experiências extraordinárias e desafiadoras. Foi nesse espaço que conheci os sujeitos que atravessam minha pesquisa. Neste período, realizei um trabalho com imagens fotográficas que, ao final, montamos um mural com as imagens tiradas por eles, como podemos observar na imagem abaixo:

Foto 1 – Refletindo sobre imagens fotográficas



Fonte: pesquisador, 2016.

Logo depois, em 2017, tive oportunidade de trabalhar na rua, de ir ao encontro com esses sujeitos. Nesse momento, conheci o Serviço Especializado em Abordagem Social. Assim, a Abordagem social é um serviço oferecido pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), que é uma extensão da Secretaria Municipal de Assistência Social. Dessa forma, as atividades de abordagem constituíam-se de ações planejadas, por meio de observação, escuta qualificada e criação de vínculo com pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social em espaços públicos. Foram nesses espaços/praticados pelos sujeitos de rua que tive a oportunidade de me reinventar e repensar todos os conceitos e concepções que eu tinha de ser humano. Eu pude ser mais humano, sensível, crítico e aprendi a ver o mundo de uma outra maneira.

Cabe ressaltar que o aprendizado despertado no campo da (in)visibilidade e do cotidiano dos sujeitos marginalizados tomou sentido na minha trajetória acadêmica, pois as experiências nas referidas categorias me inquietaram enquanto pesquisador. É preciso enxergar o outro, ou melhor, a ver o outro. De fato, o cotidiano e a (in)visibilidade desses sujeitos atravessaram a minha formação acadêmica e minha profissão a ponto de instigar a curiosidade de estudá-los enquanto sujeitos de pesquisa, levando em consideração as categorias fundantes de meu estudo.

Realizei essas pequenas narrativas sobre mim, escavando os fragmentos da(s) memória(s), para pontuar onde minha história se cruza com os sujeitos praticantes de nossa pesquisa. É curioso pensar que fiz uma espécie de resgate de minha própria vida na vida desses praticantes⁷, de quem guardo tantas lembranças. De outra posição, não mais como um educador social (exercendo um trabalho), mas sim como um pesquisador e humano, posso compreender o que de alguma forma foi silenciado em tantos dizeres dessas pessoas, quando muitos deles desabafavam sobre as suas insatisfações, angústias e o desejo de ir além.

Agora, nesta posição de alteridade com sujeitos da minha pesquisa, posso escutar, em suas vozes, os ecos de vozes de tantos outros que são silenciados e estão em situação de rua. Certamente, por isso, esta tese me traz uma forte emoção. Ela traduz meus compadecimentos e compaixões em práticas de “amorosidade” –

⁷Em alguns momentos utilizaremos o termo praticantes, pois são sujeitos praticantes que desenvolvem táticas em seu cotidiano, maneiras de fazer (in)visibilizadas. Exemplo disso, são as “maneiras de fazer” (cozinhar, produzir, ver) de Héstita (participante da pesquisa) que utiliza de táticas de sobrevivência que se tecem em práticas sociais reais.

termo caro para Paulo Freire, especialmente no que diz respeito à sua luta por uma Educação Libertadora. Através desta tese “[...] pude pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes” (LARROSA, 2002), expondo na escrita os riscos que me cabem.

1.3. Ciência, Arte e Vida: o entrelaçar de registro em perspectiva afetiva

Entrar em contato com o outro para conhecer um pouco do seu jeito de ver o mundo, caminhar por espaços e por tantos lugares que desenham a geografia da rua, é um exercício, sem dúvida, de deslocamento. Daí que caminhar por esses espaços/lugares também “se trata de uma relação com o outro” (SKLIAR, 2008, p17). Os sujeitos praticantes que compõem o universo desta pesquisa, não estão tão longe da minha vida profissional. Melhor dizendo, os sujeitos em situação de rua, onde realizei meu estudo, se confundem com o meu passado, circunstanciado pelo presente em que produzo esta tese. Desse modo, foi possível compreender, neste espaço/tempo, que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (LARROSA, 2002). A história de vida dessas pessoas despertou em mim sentimentos esquecidos. Colocou-me no túnel do tempo e transportou-me ao ano em que eu comecei a trabalhar como Educador Social, em 2016.

Desde a graduação venho participando de pesquisas sobre diferentes sujeitos, mas somente no Doutorado a curiosidade epistemológica recaiu sobre essas pessoas em situação de rua. Certamente o contato profissional com eles foi uma experiência que me motivou a querer conhecer esses sujeitos cada vez mais. Assim, esse interesse surgiu ao notar que, apesar de serem pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, pela sua própria condição socioeconômica, nenhuma ação acadêmica no âmbito da educação— ensino, pesquisa e extensão — que constitui o tripé da Universidade, os incluíam como sujeitos. A impressão é que há uma (in)visibilidade dessa população de rua, por parte dos intelectuais da educação, em cujos discursos o lugar do oprimido é quase sempre uma tônica. Nem mesmo no Centro de Educação (CEDU), espaço onde se aloja esta pesquisa, identifica-se tal preocupação. No entanto, aqui não se pretende uma crítica irresponsável, lançando um tom acusatório sobre os docentes da academia. Apenas chamar atenção para a

(in)visibilidade das histórias de vida e escolar dessas pessoas, que não são potencializadas pelos acadêmicos.

O mais curioso nisso tudo é que ao pensar em realizar essa pesquisa sobre as pessoas em situação de rua, de início, não me reportava ao meu antigo trabalho. Mas o próprio movimento da pesquisa, o diálogo com os sujeitos, suas histórias e seus sentimentos foram motivos de emoções para mim que trouxe à tona registros afetuosos. Não é por acaso que Bakhtin vai dizer que “pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos” (BAKHTIN, 1997, p. 23-24).

Nesse contexto, escutando e conversando com as pessoas em situação de rua, sinto que estou realmente no lugar onde devo estar: pesquisando sobre esses sujeitos praticantes que foram/são tão (in)visibilizados pela comunidade acadêmica. Voltar nosso olhar para essas pessoas não deixa de ser, na verdade, uma forma de empoderar as suas práticas sociais frente aos imperativos de uma ciência hegemônica que, “sob a capa dos valores universais autorizados pela razão” (SANTOS, 2005, p. 30), reduziram ao silêncio outras formas de ver e conhecer o mundo. E quando apenas um lado tem autoridade cognitiva numa dada relação, opera-se, por consequência, uma relação de dominação.

Por meio do diálogo com as pessoas em situação de rua, tecendo uma espécie de rede, pude compreender que “como a solidariedade é uma forma de conhecimento que se obtém por via do reconhecimento do outro, o outro só pode ser reconhecido enquanto produtor de conhecimento” (SANTOS, 2005, p.30). Até porque “a solidariedade é obtida no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjectividade” (idem, p.81).

E assim, sustentado pelo “princípio da solidariedade” (SANTOS, 2005), pude estabelecer laços e afetos nos encontros vivenciados com os sujeitos, bem como desvelar a beleza do cotidiano que está sempre em movimento. Por tal razão, “potencialmente indiciante” (PAIS, 2003, p.69). E ao lidar com o cotidiano, “O verdadeiro desafio é o de desvelar a vida social na textura ou na espuma da ‘aparente’ rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica” (PAIS, 2003, p. 31.).

Daí porque o ato de pesquisar pode ser entendido como um acontecimento único, sobretudo em Educação, cujo pertencimento é da área das Ciências Humanas, que exige um compromisso com o outro. Pensar uma Educação comprometida com a vida é também uma forma de afeto, de responsividade e expressão política, tal como anunciou Bakhtin (1997) em seus escritos. Ou mesmo como traduz, poeticamente, Manuel Bandeira em seus versos sobre as tramas da vida, compreender que: “A vida vai tecendo laços/Quase impossíveis de romper/Tudo o que amamos são pedaços /Vivos do nosso próprio ser”.

Nesse sentido, é interessante dizer como o outro tem me afetado subjetivamente e me deslocado diversas vezes da minha postura de pesquisador. Nisso, foi preciso a todo instante estar (re)vendo essa posição de pesquisador, através do outro. Isto, certamente, é o que Bakhtin chamaria de exotopia. Explicando melhor,

Em qualquer situação ou proximidade que esse Outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: a partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão-, o mundo atrás deles toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 1997, p. 21)

Levar em consideração esse conceito bakhtiniano, permitiu-me (re)ver minha atitude e as experiências vivenciadas com cada sujeito. E a partir daí (re)pensar minha postura, meu posicionamento, pois, assim, “tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros – deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a forma original da representação que terei de mim mesmo” (BAKHTIN, 1996, p. 278). Segundo Amorim (2004), é a partir da compreensão deste lugar exotópico que o encontro se dá entre os praticantes, possibilitando, inclusive, desconstruir uma gramática acadêmica disciplinadora que se mantém sob o estatuto de um falso consenso e uma disfarçada convivência com as diferenças.

Foi deste lugar, então, que me vi tantas vezes inquietado, tentando romper certas barreiras para poder pensar sobre tantas outras coisas que nos cercam e nos põem sob as descontínuas indagações. “E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2004, p.152). Estar ao lado dessas pessoas em situação de rua, envolvido com seus

diálogos e suas memórias, fez ressonância em mim, possibilitou-me viver a epifania do estranho-familiar. Com o coração aberto pude encontrar a própria forma de conduzir o diálogo com os sujeitos nas ruas da cidade de Maceió. Ou seja, pude desfazer qualquer verdade antecipada e descobrir a beleza de tantas histórias no meio do processo. Mais ainda, pude compreender que “a interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos” (LARROSA, 2010, p.135).

Os percursos foram árduos, é preciso dizer. Cansaço, exaustão, frustrações, inquietações e superação, foram os sentimentos que fizeram parte de nosso itinerário acadêmico. Os encontros e as conversas com as pessoas em situação de rua traziam um novo frescor aos desdobramentos de nossa pesquisa. Caminhos cheios de curvas e dobras, mas repletos de veredas. Eis o que queremos partilhar ao longo destes escritos. Para tanto, dividimos esta tese em seções, a saber:

Na primeira seção, **Introdução**, discutimos a relação pesquisa/pesquisador. Inicialmente, narro a minha trajetória de vida que, de alguma maneira, se confunde com esta pesquisa. Assim, revisito minhas memórias e, através delas, percebo que nenhuma escolha se faz por acaso. Podemos dizer que são narrativas atravessadas por minhas inquietações, e, por que não dizer, de minhas angústias. Uma dívida que tantas vezes fez sombra em minha trajetória profissional e acadêmica, mas agora, por acaso, posso prestar contas.

Em seguida, na segunda seção, **O cotidiano e a Ecologia de Saberes: a pesquisa em ação**, abordamos a metodologia adotada e a revisão da literatura, uma vez que de acordo com os estudos voltados para o cotidiano, as questões teórico-metodológicas se cruzam em um fazer orgânico, sempre fazendo relação com os protagonistas⁸ do trabalho. Demarcando assim, o “lugar” do pesquisador, atravessado pelos dizeres do cotidiano.

Na terceira seção, **Ordem Capitalista Neoliberal: a subsunção dos sujeitos que habitam a rua**, refletimos acerca do sistema capitalista e a ordem social das pessoas em situação de rua. Além disso, trazemos à tona reflexão sobre o sentido

⁸ Utilizaremos em alguns momentos a terminologia protagonista, para potencializar a participação dos sujeitos neste trabalho. Pois, mais que participantes, eles foram/são protagonistas.

que habita a expressão “fique em casa!”, discutindo, inclusive, a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua.

Na quarta seção, **O cenário das ruas: as imagens que revelam a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua**, relatamos as idas e vindas pela cidade de Maceió, em busca de histórias de vida dessas pessoas, cujas vozes, muitas vezes são silenciadas. Foram idas e vindas constantes, a procura do outro.

Já na quinta seção, **Narrativas das memórias de vida e escolar na percepção das pessoas em situação de rua**, trazemos as memórias, forjadas nas imagens fotográficas, que nos trazem indícios sobre as experiências (LARROSA, 1996) desses sujeitos praticantes, que se (re)inventam em suas histórias, bem como nos diálogos, com “as astúcias de interesses e de desejos diferentes” (CERTEAU, 2009, p.97.) em busca, por certo, de uma justiça social e, sobretudo, de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004).

2. O COTIDIANO E A ECOLOGIA DE SABERES: pesquisa em ação

Nesta seção discorreremos sobre as decisões tomadas acerca do percurso metodológico, ou melhor, naquilo que compreende a abordagem teórico-metodológica de pesquisa adotada neste trabalho. Para tanto, foi necessário discutir sobre duas categorias (Cotidiano e Ecologia dos Saberes) fundantes desta pesquisa que dão suporte a este estudo. Desse modo, utilizamos como “instrumento” de coleta de dados a fotografia; que nos permitiu estabelecer relação entre os saberes e as experiências estéticas reveladas pelas pessoas em situação de rua, revelando suas histórias de vida e experiência no campo escolar.

A fotografia aqui é compreendida para além de um meio para coletar dados, mas, sobretudo, como um instrumento que possibilita revelar história de vida das pessoas em situação de rua. A fotografia existe a partir de um processo de construção, no qual estão envolvidas as realidades dos sujeitos. A respeito dessa questão Kossoy vai nos dizer que:

A primeira realidade é o próprio passado. (...) diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação (fotografia) (...) como também, ao contexto desse assunto no momento do ato do registro. Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior (...) A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontre gravada. (...) É esse aspecto visível a realidade exterior da imagem. (KOSSOY, 2000, p. 36-37)

Assim, o ponto de partida para compreender este trabalho são as narrativas dos sujeitos através de imagens fotográficas. Para tal, filiamo-nos as pesquisas voltadas para o Cotidiano e Ecologias de Saberes, tentando, inclusive, ser coerente com a perspectiva teórico-metodológica adotada neste estudo. Dessa forma, os objetivos investigativos não estão centrados em uma mera explicação de determinada realidade, mas sim em observar, investigar e refletir sobre os processos nos quais o conhecimento é construído. Um conhecimento construído com o outro.

Nessa direção, pessoas que frequentam as ruas e bairros da cidade de Maceió e estão em situação de rua, entendemos também como sujeitos praticantes desse cotidiano, mas possuem suas experiências “desperdiçadas” (SANTOS, 2010) nos campos do conhecimento, da cultura e da arte. Nesse sentido, temos tentado ao longo de nossas pesquisas investigar naquilo que Santos (2010) denominaria como

“ecologia de saberes”, atentos para emergência de saberes e ideias resultantes do estabelecimento de um diálogo com esses que Certeau (2019) denominaria de “práticas do cotidiano”.

Em tese, a função do pesquisador é possibilitar que os sujeitos tenham oportunidade de expressar seus dizeres/saberes, dando voz e vez na tentativa de uma pesquisa e educação contra-hegemônica, trazendo como protagonistas os sujeitos participantes deste estudo.

2.1 Os procedimentos metodológicos e sua organização estrutural: a fotografia como técnica de “coleta de dados”

Na intenção de construir conhecimentos por meio do cotidiano vivenciado pelos sujeitos desta pesquisa, assumimos o compromisso de realizar este estudo na tentativa de colocar em potência o protagonismo destes sujeitos. Para tal, era preciso dar visibilidade e tentar tirá-los da zona da invisibilidade, trazendo à tona seus dizeres e fazeres. Assim, os procedimentos teórico-metodológicos da ecologia de saberes e cotidiano nos permitiram trabalhar nesta perspectiva da emancipação do sujeito.

Nessa perspectiva, os aspectos metodológicos se ocupam da responsabilidade não apenas de investigar os produtos da pesquisa, mas fundamentalmente o próprio processo da produção científica. Essa forma de pensar nos aproximou das ideias de Milton Guran (2021), ao trazer à tona a fotografia como um ato cultural, que é preciso levar em consideração toda a trajetória de produção:

Produto de uma série de escolhas, a fotografia é um ato cultural que reflete a maneira de pensar e ver o mundo do seu autor (Novaes, 1998:117) tanto quanto os objetivos que motivaram a sua produção. “Você fotografa o que vê, e vê o que é”, já sentenciou o fotógrafo José Medeiros, um dos mais reconhecidos olhares sobre a realidade brasileira da segunda metade do século XX. Além disso, como demonstra Bezerra de Menezes (2003), a fotografia só pode ser corretamente apreendida quando se leva em conta toda a sua “biografia”, da produção ao circuito de exibição. Isto é particularmente importante no caso de imagens produzidas por terceiros que venham a fazer parte do *corpus* fotográfico da pesquisa. (GURAN, 2021)

Revelar a “biografia” da fotografia é potencializar àqueles que a produziu. Em suma, toda e qualquer fotografia deve ser interpretada e conseqüentemente utilizada tendo em conta as suas especificidades e o contexto de sua produção. Fotografar “para contar” na intenção de desvelar os rastros e a (in)visibilidade que a pesquisa conservadora dominante tenta ocultar. Dessa forma, Santos (2008) revela que na

ecologia de saberes há uma diversidade de culturas, com diferentes formas de produzir saberes que atravessam atividades produtivas, culturais, sociais entre outras.

Neste contexto, o que apresentamos neste trabalho é um estudo que se propõe a dialogar com os saberes e memórias das pessoas em situação de rua, em uma perspectiva de horizontalidade. Temos como pressuposto a ideia de que há uma diversidade epistemológica no mundo; e nosso trabalho tem como direção o reconhecimento e a valorização dessa pluralidade. Como Santos (2010), também pensamos que a “experiência social [...] é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante” (SANTOS, 2008, p. 98). Então, este texto que encontra o leitor, objetiva dialogar com essa experiência social produtora e produto de saberes e memórias, mas que frequentemente ainda tem sido negada pelo conhecimento científico. E é o cotidiano que também nos proporciona esta aventura de mergulhar nas trajetórias de vida e escolar dos sujeitos participantes desta pesquisa.

É preciso dizer que utilizamos a fotografia como técnica de “coleta de dados” na pesquisa qualitativa, visto que este estudo se configura como um estudo voltado para o cotidiano das pessoas em situação de rua, tentando revelar suas narrativas escolares e histórias de vida, por meio da imagem fotográfica. Assim, as imagens fotográficas são gravações detalhadas de fatos, além de que proporcionam uma apresentação mais abrangente e holística de estilos e condições de vida (MEAD apud FLICK, 2009). Nesse sentido,

A fotografia é um recorte da realidade, um corte que promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade, através do ângulo, do enquadramento e dos efeitos escolhidos para tratar do tema fotografado. (RIOS; COSTA; MENDES, 2016, p. 117)

Com efeito, a imagem fotográfica é uma extensão do olhar do outro, da visão de mundo pelos olhares de outrem. Utilizar a fotografia como uma técnica de coleta de dados, possibilita o sujeito representar e interpretar o mundo “real” e se situar nele. De fato, coerente com a postura adotada neste trabalho, visto que enxergamos os sujeitos numa busca constante de processo de humanização, aquilo que Freire (1998) chama de busca do “Ser Mais”.

A fotografia como instrumento de coleta de dados permite também estabelecer uma conexão com o “mundo real” ou com a realidade e contextos sociais e culturais vivenciados pelos sujeitos da pesquisa. “(...) De certa forma, toda fotografia se

inscreve nessa situação de “diálogo com o mundo visível”. (GURAN, 2012, p.45) Isto é, “pensar com fotografias”. Dessa forma, as discussões lançadas neste estudo centram-se na fotografia e nos seus atributos no contexto da pesquisa qualitativa, levando em conta como uma técnica de pesquisa que fortalece os dizeres dos sujeitos participantes. Afinal, eles são os autores da produção fotográfica aqui estudada. Por isso,

(...) sobreleva-se o valor epistêmico da fotografia enquanto imagem, ou seja, as informações que a foto traz sobre o mundo (SANTOS, 2000). As fotografias são gravações detalhadas de fatos, além de que proporcionam uma apresentação mais abrangente e holística de estilos e condições de vida (RIOS; COSTAS; MENDES, 2016, p 102)

Assim, a técnica de coleta de dados baseadas em fotografia é também um ato cultural, pois é um produto de uma diversidade de alternativas de seu autor/produtor, nela são marcadas e reveladas a maneira de pensar e ver o mundo desse sujeito. “Produto de uma série de escolhas, a fotografia é um ato cultural que reflete a maneira de pensar e ver o mundo do seu autor” (GURAN Apud Novaes, 2012, p. 117). As experiências fotográficas destacam-se a possibilidade dos participantes desenvolverem cenas imagéticas, refletindo sobre como esses sujeitos narram, representam e organizam suas experiências mantendo assim relações entre si.

Vale ressaltar que trazemos o conceito de fotografia endógena, baseado em Guran (2012). Ele relata que essas imagens fotográficas caracterizadas como endógenas (êmicas) são aquelas produzidas pelos sujeitos/praticantes/protagonistas⁹ da pesquisa. Nelas, eles têm a oportunidade de se mostrarem e, acabam fazendo a representação de si próprios. Certamente, por isso, Guran (2012) relata que essas fotografias expressam de alguma forma, a identidade social do grupo, ou seja, da comunidade estudada.

As fotografias, portanto, podem funcionar como instrumentos de investigação e se constituírem no próprio objeto da pesquisa, como é o caso das imagens de natureza êmica. A fotografia pode, neste momento, ser utilizada para destacar, com segurança, aspectos e situações marcantes da cultura estudada, e para dar suporte à reflexão apoiada nas evidências que a própria imagem apresentar. (GURAN, 2012). Portanto, buscamos por meio das imagens fotográficas potencializar as histórias de

⁹As pessoas em situação de rua são nomeadas ora por sujeitos, ora por praticantes e/ou protagonistas. Essas terminologias foram utilizadas a partir do próprio movimento e deslocamento que os estudos voltados para o cotidiano possibilitaram aos participantes da pesquisa.

vida e escolar dos sujeitos participantes deste estudo, no caso específico das pessoas em situação de rua da cidade de Maceió.

Vale dizer que foram de dois (2) a três (3) encontros realizados no período de 2019/2020 com cada um dos sujeitos. Alguns sujeitos eu já conhecia, devido a minha experiência como educador social – é caso, por exemplo, de Poseidon. O tempo de duração de cada diálogo foi entre 30 minutos a 1h, pois dependia da disponibilidade de cada um. Foram várias idas e vindas, encontro e desencontros. Todos marcados por experiências singulares.

2.2 O lugar do pesquisador: os estudos voltados para o cotidiano

Os estudos voltados para o Cotidiano fundamentam o “lugar” da pesquisa aqui estudada. Certamente, a escrita pode estranhar para algumas pessoas que fazem parte da academia, mais ainda: podem até inferir que este estudo não é “tão científico”, como escutamos várias “críticas”, ao esbarrar com concepções autoritárias e conservadoras. Assim, é neste ato que inscrevo a coragem de romper com os protocolos disciplinares para poder, assim, assumir uma relação sincera com o meu trabalho acadêmico, pois os estudos voltados para o cotidiano sempre foram apaixonantes, pela possibilidade de poder expressar de uma forma ética, estética e política os meus anseios e os anseios do outro. O outro como legítimo outro em sua existência e essência. Afinal, é preciso estar aberto aos desafios que a realidade nos impõe e tentar desconstruir os modelos pré-estabelecidos. Em tese, tal decisão nos coloca na contramão do modo de se fazer ciência na academia. Como diz Pais (2003),

As capelinhas existentes no meio universitário – frequentemente associadas à posse “feudalística” de domínios ou áreas restritas – reflectem a “especialização” da ciência, mas também a pluralidade de correntes doutrinárias e a necessidade de cada uma delas ter o seu próprio terreno de culto, a sua paróquia (p.37. Destaques do autor).

Isso não significa, é claro, que a “rigorosa metódica” (FREIRE, 1996) do mundo da ciência, bem como as suas criteriosas pesquisas, devam ser negligenciadas. Essa não é a premissa que sustenta o nosso estudo. Na verdade, o que se defende, por certo, é que é preciso apostar em outras possibilidades. Acreditar que, para além dos dogmas, “há um novo jeito de caminhar” (MELLO, 1999). Assim,

É possível explorar os desvios, não daqueles que nos deixam na berma do “tudo vale”, mas dos que nos possibilitam o desenvolvimento de teorias em

função dos achados de “trabalho de campo” ou das descobertas induzidas por uma sensibilidade teórica (PAIS, 2003, p. 44).

Com efeito, escapando de um modelo de pesquisa no qual parecemos estar protegidos de surpresas, visto que numa pesquisa conservadora (na sua condução) tudo se mantém sob o controle do pesquisador. Ou seja, basta que siga o *script* de seu itinerário e saiba, com segurança, como se define cada etapa da pesquisa. Foi, então, que decidimos virá-lo de ponta-cabeça, e ir ao encontro do que nos parecia mais enigmático, para assumirmos a atitude de **pensar com**. Os enigmas nos convidam a pensar, a desnaturalizar o que até então parecia banal. Por isso, voltamos o olhar para o nosso próprio cotidiano nos espaços das ruas. Decidimos pela ousadia de não declinar do “gesto de interrupção” (LARROSA, 2002). Um convite feito pelo cotidiano, vez que

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (**ou que nos cabe em partilha**), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados (CERTEAU, 2009, p. 31. Grifos do autor).

O cotidiano, portanto, não deixa de ser este “espaço praticado” (CERTEAU, 2009), que tem sempre um carácter enigmático. Por esta razão, talvez, tudo nele se torna possível, “[...] tudo aquilo que é susceptível de nos causar admiração, de colidir com o pensamento disciplinado, dado como inquestionável, isto é, a *doxa*” (PAIS, 2003, p. 56). Não sem motivo, diz o mesmo autor, “os enigmas são paradoxos” (idem, idem).

Vale dizer, no entanto, que pretendemos dar voz e vez aos sujeitos da classe popular, subalternizados, vulneráveis e, sobretudo, com uma trajetória de vida e escolar marcada pela exclusão. São praticantes nomeados como “fracos” (CERTEAU, 2009) para os poderosos, que se colocam na posição de “fortes” (CERTEAU, 2009). Mas não se pode esquecer que são estes mesmos praticantes, considerados “fracos”, que, empoderados pelas suas “astúcias” (CERTEAU, 2009), driblam as suas dificuldades e se valem de suas “táticas” (CERTEAU, 2009) para enfrentar os “fortes”.

O que pretendemos, então, em nossa pesquisa? Pretendemos mostrar o cotidiano das pessoas em situação de rua, refletindo sobre sua condição de (in)visibilidade. E isso afetou, sobremaneira, a posição assumida de pesquisador.

Optamos a olhar para as ruas como um campo de pesquisa, um espaço em que se tem empreendido poucas pesquisas no meio acadêmico. Ao subverter nosso projeto, nos perguntamos também se os sujeitos de EJA¹⁰ não estariam espalhados pelas ruas e bairros de Maceió, praticantes (in)visibilizados num contexto marcado pela cultura letrada e, sobretudo, pelas relações de poder que, em geral, reinam no mundo nos espaços praticados por essas pessoas.

Nesse sentido, voltar o olhar para as ruas é, no mínimo, ver-se também, enquanto pesquisador, implicado com as próprias indagações que se constituem como o eixo estruturante da pesquisa. Mais ainda: é não sair imune daquilo que nos toca e nos atravessa, logo, “isso produz um aumento de energia, de capacidade dedutiva, de tenacidade” (NIETZSCHE, 2005, p.161).

Ao construir a questão central da pesquisa, partindo dos estudos do cotidiano, foi preciso dar os primeiros passos, passear pelas ruas com outros olhos, descobrir os caminhos, lidar com os vazios e com a compreensão de que “tudo é e não é”. Foi preciso suspender a verdade e “desconfiar de tanta coisa”, pois, “quando menos se espera”, outras perguntas invadem nossas certezas. Até porque “esta vida está cheia de ocultos caminhos” (ROSA, 2001).

2.3 A (in)visibilidade a partir da categoria ecologia de saberes: narrando experiências

O estudo voltado para o cotidiano das pessoas em situação de rua assume como base teórica as reflexões de Certeau (2009), Larrosa (2002) e Santos (2002, 2004, 2010, 2013) dentre outros que nos ajudam a compreender a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos subalternizados e excluídos do convívio social.

Como diz Santos (2010), há no pensamento abissal (próprio do pensamento moderno ocidental) uma linha (imaginária) por meio da qual se estabelece uma divisão radical de conhecimentos. Ou seja, o conhecimento válido ocupa apenas um lado da linha, ficando, do outro lado da linha, apenas ideias subjetivas, sem nenhum significado. Em outras palavras, “do outro lado da linha, não há conhecimento real, existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos,

¹⁰Ver o que diz Marta Koll (Jovens e adultos: sujeitos de conhecimento e aprendizagem, 1999.)

que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica” (SANTOS, p. 34, 2010).

A divisão é tal, que o outro lado da linha é produzido como inexistente. Portanto, os que estão do “outro lado da linha” são (in)visibilizados na condição de inexistência. Inexistência significa, nas palavras de Santos (2010), não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. E é este “outro lado da linha” que as pessoas em situação de rua e condição de vulnerabilidade social parecem ocupar, considerando a exclusão sofrida ao longo de suas trajetórias de vida, escolar e no próprio ambiente acadêmico, especialmente no campo da educação, pois conforme a pesquisa realizada não encontramos trabalhos (dissertações e teses) voltados para estes sujeitos no âmbito da educação na UFAL. Logo, é primordial estudos dessa natureza no cenário acadêmico.

É curioso ainda pensar que, no atual contexto histórico e social, as pessoas em situação de rua tornam-se (in)visibilizadas, dentro de uma universidade, sobretudo quando se leva em consideração que seus atores sociais fazem parte de uma elite intelectual. Apesar de a academia (principalmente educação) ter um discurso voltado para as classes subalternizadas e excluídas dos sistemas formativos, é nesse próprio espaço, vez que não se tem trabalhos voltados para estes sujeitos (campo educacional), que os sujeitos de rua são ignorados e expostos à falta de “justiça social e cognitiva” (SANTOS, 2010).

É pertinente ressaltar que essas pessoas possuem histórias de vida (in)visibilizadas e, certamente, estão em condição de vulnerabilidade social. Portanto, são sujeitos negados em seus saberes e fazeres – silenciados em suas práticas culturais cotidianas. Isto quer dizer que são pessoas que precisam ter vez e voz, pois no plano da legalidade todos possuem direitos, mas no plano da objetividade isto é negado para o público (in)visibilizado.

Nessa mesma perspectiva ideológica, como dito anteriormente, Santos (2010) vai dizer que o pensamento moderno ocidental é abissal, uma vez que ele cria uma linha (imaginária) por meio da qual se estabelece uma divisão radical de conhecimentos. Ou seja, o conhecimento válido ocupa apenas um lado da linha, ficando, do outro lado, apenas opiniões subjetivas, sem nenhum significado. Nas palavras de Santos (2010, p. 34),

Do outro lado da linha, não há conhecimento real, existem crenças, opiniões magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica.

Daí por que muitas vezes, deixa-se de lado muitas outras experiências sociais, o que implica, por consequência, um reducionismo epistemológico e cultural acerca da realidade. É o que Santos (2010) denomina de epistemicídio, haja vista que tal fato provoca um desperdício de ricas experiências cognitivas. Mais ainda, uma falta de diálogo entre culturas diferentes. Uma forma de descredibilização de práticas sociais de conhecimento que contrariam os interesses dominantes.

E assim se impõe um silêncio. Mais, ainda de acordo com o pensamento de Santos (2010), é uma forma de silêncio que se opera sem silenciamento. Ou seja, os (in)visibilizados, que estão do “outro lado da linha”, não têm como dizer o que na verdade poderia ser dito. E, certamente por isso, persistem zonas silenciosas de injustiças cognitivas e, por consequência, injustiça social.

Com efeito, para combater esse *modus operandi* de não-existência, Santos (2010) vai dizer que é preciso reverter a “razão indolente”, que não dá reconhecimento a outros modos de pensar, e, dessa forma, desperdiça a riqueza de experiências praticadas no mundo. Para tanto, explica, em sua área de conhecimento, dois procedimentos investigativos – teórico/práticos: “sociologia das ausências” e “sociologia das emergências”.

No que se refere ao primeiro, ele assim explica:

Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com eles. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças (SANTOS, 2008, p. 102)

Portanto, é a partir da “sociologia das ausências” que se busca dar visibilidade ao que era invisível. Tornar existente o que até então não era existente. E isso parece ser o dilema provocado pelo pensamento ocidental moderno que só legitima uma forma de conhecimento. Ainda que a narrativa discursiva da ciência moderna dê reconhecimento à diversidade sociocultural do mundo, ela nega, contraditoriamente, a diversidade epistemológica de saberes.

E assim, tomando como referência o próprio fundamento da “sociologia das ausências”, Santos (2008) nos apresenta o conceito da “sociologia das emergências”, mostrando que elas mantêm entre si uma relação tanto epistemológica como metodológica. Portanto, ele a define da seguinte forma:

Enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências possíveis. As duas sociologias estão estreitamente associadas, visto que quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo mais experiências são possíveis no futuro. Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro (SANTOS, 2008, p. 120).

A Sociologia das Emergências de acordo com essa perspectiva, se apresenta como um método de investigação que se impõe como alternativa ao modelo hegemônico, dando visibilidade a práticas e saberes que ainda não foram plenamente reconhecidos no presente, mas se mostram uma “probabilidade de esperança” (SANTOS, 2008). Logo, “O método é a ampliação simbólica das pistas ou dos sinais” (SANTOS, 2008, p.118). São as pistas e sinais a partir de imagens fotográficas (tiradas por eles) que poderão revelar sobre as histórias de vida e saberes desses sujeitos.

É preciso, então, aprender com o Sul¹¹ usando uma “epistemologia do sul” (SANTOS, 2010) de modo a produzir, pela via de outra experiência, um pensamento pós-abissal. Ou seja, o pensamento pós-abissal se faz forjado numa “ecologia de saberes” – expressão cunhada por Santos, cuja definição ele assim expressa:

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p. 53).

De acordo com essas concepções, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimentos, que não se limita ao conhecimento científico. Ao contrário, confronta essa hegemonia da ciência moderna

¹¹ Expressão utilizada por Santos (2010).

com uma ecologia de saberes. Por isso, Santos (2010) relata que “A copresença radical significa que agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (SANTOS, 2010, p. 53). Por isso, esta tentativa de desvelar as experiências e saberes desses sujeitos marginalizados na sociedade.

Dáí por que a “ecologia de saberes”, que exercita uma vigilância epistemológica, nos permite ampliar a visão não só em relação ao que conhecemos, mas, sobretudo, em relação ao que é desconhecido, pois mesmo quando postos em situação de ignorância acerca de algum conhecimento, a “ecologia de saberes” não nos autoriza pensar que isso é uma condição de impossibilidade. Na verdade, “somos ignorantes de certos conhecimentos, mas não de todos” (SANTOS, 2010, p. 54).

Ao levar em conta que o conhecimento científico, reconhecido oficialmente, não está distribuído igualmente, promovendo em larga escala uma injustiça social e, conseqüentemente, uma “injustiça cognitiva”, o pesquisador, na interação com os sujeitos da pesquisa, precisa compreender que “(...) a ignorância não é necessariamente um estado original ou um ponto de partida” (SANTOS, 2008, p.158). Assim, nesse encontro entre os sujeitos, prevalece a ideia de que “a ecologia de saberes tem de ser produzida ecologicamente: com a participação de diferentes saberes e seus sujeitos” (idem, idem, p.159). É, portanto, um encontro, de fato. Nesse encontro é onde se efetiva a “busca de convergências entre conhecimentos múltiplos” (SANTOS, 2008, p.161), pois, não é simplesmente um ritual de cumprimento de etapas de pesquisa.

Posto isso, é curioso pensar que as pessoas em situação de rua tornam-se (in)visibilizadas em seu cotidiano, e mais ainda, nas próprias produções acadêmicas na área de educação. Apesar de a academia ter um discurso voltado para as classes subalternizadas e excluídas dos sistemas formativos, é nesse próprio espaço de trocas de conhecimentos que a pessoas em situação de rua, acaba ficando, como diria Santos (2010), do outro lado da linha.

2.4 Os sujeitos da pesquisa: traços da (in)visibilidade e as marcas do silêncio

Com a finalidade de compreender um pouco sobre o processo de (in)visibilidade e da falta de justiça cognitiva sofrida pelas pessoas em situação de rua, fazemos interlocução com as ideias de Boaventura de Sousa Santos (2004, 2005,

2008, 2010) e Paulo Freire (1992, 1996, 1998, 2005, 2004), para refletir sobre aqueles que, na posição de subalternizados, são considerados como sujeitos destituídos de saberes. Para Santos (2010), sem justiça cognitiva não é possível alcançar a justiça social. Certamente, isso também tem a ver com a democracia. Afinal, é uma vivência democrática que potencializa sujeitos críticos. Ou seja, sujeitos que, pela práxis, podem, em liberdade, enunciar a “palavra verdadeira” (FREIRE, 1992). Assim, Paulo Freire diz:

Dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns humanos, mas direito de todos os seres humanos. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (FREIRE, 1992, p.60).

Percebemos, então, por meio das ideias de Santos (2010) que a sociedade moderna é abissal, excludente, injusta, pois valida apenas um tipo de conhecimento. Este, favorece apenas um lado da linha. Nesse sentido, como dito anteriormente, a divisão é tal que “o outro lado da linha” é produzido como inexistente. Portanto, os que estão *do* “outro lado da linha” são (in)visibilizados, na condição de inexistência. Inexistência significa, nas palavras de Santos (2010), não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.

E é esse “outro lado da linha” que as pessoas em situação de rua parecem ocupar, considerando a exclusão sofrida ao longo de suas trajetórias de vida. E assim se impõe um silêncio. De acordo com o pensamento de Santos (2010), é uma forma de silêncio que se opera sem silenciamento. Ou seja, os (in)visibilizados, que estão do “outro lado da linha”, não têm como dizer o que na verdade poderia ser dito. E isso favorece as zonas silenciosas de injustiças cognitivas e, também, de injustiça social.

Para romper com o pensamento moderno ocidental abissal e ser coerente com a perspectiva da ecologia de saberes, necessário se faz dar visibilidade à(s) história(s) desses sujeitos e, ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo, do ponto de vista freiriano, que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças. É preciso escutá-los, e, mais ainda, enxergá-los como sujeitos produtores e portadores de cultura.

Mas, afinal, quem são os nossos protagonistas? Apresentamos (mais diretamente) quatro¹² pessoas em situação de rua¹³ que fazem parte desta tese. Com a palavra:

- Senhor Poseidon: Deus do mar

Tenho 39 anos. estou aqui na praça esperando minha família. Nasci aqui mesmo em Alagoas. Estudei pouca coisa, até a 4ª série, eu acho...por aí. Não lembro bem.

- Senhora Héstitia: Deusa do fogo.

É para fazer de mim? (risos)...Sou Héstitia. Tenho 43 anos, não terminei os estudos... nasci aqui mesmo... e cuido dos meus amigos...venha ver minha cozinha...

- Senhora Gaia: Deusa da Terra.

Tenho 49 anos...trabalho com reciclagem.

- Senhor Éolo: Deus do vento

Tô na rua há mais de 20 anos. Sou daqui mesmo...morei e me criei aqui.

Os nomes fictícios acima escolhidos remetem à cultura grego antiga. E foi dessa forma que quisemos homenagear os sujeitos praticantes que dão um sentido plural e uma estética singular para esta tese. São praticantes cuja força e histórias de vida nos permitem uma maior sensibilidade para transformar ausências em presenças.

Vale também dizer que muitas outras pessoas em situação de rua compuseram o *corpus* de nossa pesquisa. Um total de seis (6) sujeitos. Entretanto, dada a riqueza de suas práticas, não nos foi possível contemplar a todos. Além disso, dois (2) se mostraram resistentes. Neste momento, foi preciso selecionar desse universo, apenas quatro (4) pessoas em situação de rua. Para tanto, estabelecemos

¹² Trazemos as narrativas de quatro sujeitos.

¹³ Todos os nomes são fictícios.

os seguintes critérios: maior número de contatos (viabilizado pelos horários de encontro); contemplação dos dois gêneros (masculino e feminino); disponibilidade de participar.

3. ORDEM CAPITALISTA NEOLIBERAL: a subsunção dos sujeitos que habitam a rua

Na sociedade contemporânea, na qual o capital tem sua visibilidade e ganha força numa sociedade neoliberal, disfarçada de políticas paliativas, necessário se faz compreender o contexto sócio-político na qual os sujeitos estão inseridos. Assim, trabalho e educação são dois conceitos que sempre estiveram presentes nas sociedades. No entanto, com o advento do capitalismo, o processo de trabalho foi sendo organizado e gerido de forma a incrementar a produtividade, a redução de custos e a consolidação do regime de acumulação do capital.

Percebemos que o capitalismo é o sistema no qual se ancoram relações conflituosas de classes, fundamentando no lucro e na produção de mercadorias. Dessa forma, outro termo mais apropriado seria ligar esse fenômeno ao de mais-valia difundida por Karl Marx, o trabalhador produz uma quantia maior do que aquele que recebe na forma de salário, e essa parte do trabalho não pago é apropriada pelos empresários. É essa a regra que vigora nos países capitalistas no qual o Brasil faz parte.

A partir dos novos meios de produção o trabalho perde o sentido preconceituoso que já teve em épocas passadas. O trabalho que já foi tido como um castigo imposto ao homem, visto como forma de penalidade aos seus erros, passa a ter outro sentido. Nos novos tempos as pessoas (classe média) têm uma remuneração que garante seu sustento e amplia suas possibilidades de adquirirem bens. Conforme Antunes (1995) “o trabalho mostra-se como o momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social” e o “motor decisivo do processo de humanização do homem”. Neste sentido sistema neoliberal produz o direito de propriedade no trabalho (CASTRO; MARINHO; AIRES, 2011). Desse modo, na relação trabalho x trabalhador, o trabalhador depara-se com a precariedade e a exclusão, tornando-se mais vulnerável em todas as esferas da vida social, grupal e individual. Assim,

O evento neoliberal veio atrelado com a inversão especulativa, com o desemprego estrutural, com a debilitação do movimento sindical e com uma drástica redução dos salários, gerando, com isto, o aumento das desigualdades sociais a nível global. O Estado faz de tudo para não acrescentar qualquer complemento ao salário social afetando assim à assistência médica, educação, habitação, alargando, por consequência, a distância entre os que têm e os que não têm. Dentro desse cenário e dessa visão de desigualdade, o trabalhador afronta-se com a precariedade e a

exclusão, tornando-se mais vulnerável em todas esferas da vida social, grupal e individual. (CASTRO; MARINHO; AIRES, 2011, p.5)

Observamos que ao longo do tempo, no Brasil, a política econômica não fugiu dos modelos excludentes de outros países da América Latina. A conjuntura brasileira pode ser chamada de estado de exclusão social, porque uma espantosa parte da população vive excluída do acesso aos bens mínimos imprescindíveis a uma sobrevivência digna. Essa parcela pode ser classificada como não cidadã, ou seja, além de não ter acesso a determinados benefícios, não tem uma proteção que lhe assegure direito aos benefícios mínimos que qualquer pessoa deveria ter assegurados. Aqui estamos falando das pessoas em condições de vulnerabilidade social.

Na sociedade capitalista neoliberal, o trabalho é artefato principal, uma vez que vai garantir a proteção e inclusão social, promovendo a legitimidade da cidadania e da identidade do sujeito. Mais do que isso: ele legitima a existência do cidadão na sociedade. Logo, trabalho e cidadania são categorias fundantes nessa sociedade excludente. O não trabalho pode levar aos caminhos da vulnerabilidade social e a situação de rua. O capitalismo opera com uma lógica que impõe a todos a obrigação do trabalho, visto que aqueles que não se adequam a esta lógica acabam se tornando sujeitos vivendo à margem da sociedade, nas ruas.

Entendemos que a defesa da liberdade dos seres humanos implica a criação de condições para exercê-la. Não é isso que a sociedade capitalista prega. Pelo contrário, mascara toda a desigualdade existente na sociedade. (In)visibiliza os conflitos e a relação de classes sociais. Que não é harmônica. É conflituosa. Para ser visto é preciso trabalhar. As pessoas (in)visibilizadas são negadas na sociedade, enquanto cidadãos que possuem direitos e deveres.

Assim, compreendemos o neoliberalismo como o novo caráter do velho capitalismo. Não tem espaço para pessoas em situação de rua, visto que eles estão fora do movimento de mercado de trabalho lançado pelo capitalismo neoliberal que ganhou força hegemônica na sociedade a partir da Revolução Industrial do século XIX. Em tese, configurando-se como uma violência sociometabólica¹⁴ do capital. Essa

¹⁴ MÉSZÁROS, István . Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

violência é a lógica de produção do capital que, segundo Mészáros (2011) não é interrompida, simplesmente, com a estatização (domínio) do processo produtivo.

Nesse contexto, o conhecimento, a formação e a competência são as novas regras e normas impostas pelo mercado e pelo próprio capital, é a mesma perspectiva do liberalismo que tem o capitalismo atravessado por uma sociedade extremamente consumista e competitiva. A consequência disto acarreta as desigualdades sociais, pois as riquezas estão “nas mãos” dos donos do capital e dos meios de produção.

Na sociedade capitalista neoliberal, que a educação-formação e a profissionalização emergem como um desafio para inserção no mundo do trabalho, levando a exploração do trabalhador que muitas vezes, é (in)visibilizada, uma vez que o próprio trabalhador não consegue refletir sobre suas condições de trabalho imposta pelo capitalismo. Porém, a pergunta que não quer calar: Qual lugar ocupa as pessoas em situação de rua numa sociedade capitalista neoliberal? Como pensar sobre essas pessoas em meio ao caos de produtividade capitalista? Será mesmo que o capital “pensa” nesses sujeitos? São tantas indagações que nos fazem pensar e repensar sobre esses sujeitos que tem a rua como seu refúgio.

Nesse contexto, precisamos romper com o olhar ingênuo e compreender que esses sujeitos são o reflexo das políticas pensadas em prol do sistema capitalista e excludente que desestrutura e não oferta oportunidades, o que ao longo dos anos só agrava a situação de pobreza e de vulnerabilidade. Para o capitalismo, esses sujeitos não tem serventia, pois não se pode explorar sua força de trabalho, visto que eles estão fora do mercado de trabalho, fora da zona de exploração do capital, mas leva uma vida de desumanidade e cegueira que o próprio capitalismo impõe.

3.1 O sistema capitalista neoliberal e o cotidiano das pessoas em situação de rua

Quando pensamos no processo sócio-histórico do modo de produção do capitalismo, refletimos sobre as relações de conflitos e classes existentes na sociedade, uma relação bastante conflituosa e não harmônica que tem sido marcada pela exploração da classe popular pelo sistema do capital. Nessa direção, lembramos aquilo que Marx (2013) vai nomear de acumulação primitiva, isto é, a separação do trabalhador e dos meios de produção. Mas, aí indagamos: por que é primitiva? Porque

foi constituído os primeiros movimentos do capital no que diz respeito ao seu modo de produtividade. Isto nos faz pensar que “a mesma sociedade que fabrica a prosperidade econômica fabrica as desigualdades sociais que constituem a questão social”. (IANNI, 2004, p. 111)

Nesse contexto, podemos dizer que as pessoas em situação de rua são produtos das desigualdades sociais existentes no Brasil, implicada pelas relações sociais contraditórias da sociedade capitalista moderna ocidental, sustentada por uma relação entre trabalho e capital. É curioso pensar que os sujeitos em situação de rua são frutos dessa violência sociometabólica que é desumana e gerenciada pelo capital.

A sociedade capitalista neoliberal moderna ocidental busca normalizar e padronizar pessoas. Assim, pensar os sujeitos de rua num sistema capitalista neoliberal é refletir sua condição existencial, visto que a ótica capitalista é desumana, elimina e exclui os sujeitos de rua, em vários sentidos. Pois para os capitalistas, esses sujeitos representam o não trabalho, a não normalidade, uma vez que esses sujeitos são “pesos” e “custam” caros para manutenção do capital. Desse modo, o neoliberalismo com suas políticas sociais, tentam, a todo custo aquilo que Ferraro (2004) vai chamar de naturalização da exclusão, relatando que “todos buscam na naturalização do social a legitimação da exclusão social” (FERRARO, 2004, p.100).

Numa sociedade de capitalismo neoliberal é preciso pensar sobre as pessoas em situação de rua que vivem em plena vulnerabilidade social, sem nenhuma condição digna de sobrevivência. Assim, a sociedade é marcada pela extrema concentração de renda para “um lado da linha”, como diria Boaventura de Souza Santos (2010). Mas, exclui o “outro lado da linha” e marginaliza seus valores e suas culturas, assim, supervalorizando o capital, pois estas pessoas são, de certo modo, alijados de participação social, política e cultural na sociedade. Ou seja, o seu direito de ser cidadão é negado por esse sistema neoliberal opressor e operante de forma cruel e desigual. Mais ainda: “O que mais assombra é o cinismo com que se justifica a exclusão social e se tranquiliza a consciência argumentando que isto é da natureza das coisas e, por isso, inevitável” (FERRARO, 2004, p.1004).

3.2. Sentidos materiais da expressão “fique em casa!”: a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua

Este tópico reflete sobre o sentido que habita a expressão “fique em casa!”, discutindo, inclusive, a condição de (in)visibilidade sofrida pelas pessoas em situação de rua. O surgimento deste tópico se deu ao rememorar as vozes desses sujeitos, que de certo modo, são silenciadas. Ou seja, em meio a pandemia da Covid-19 (ou Coronavírus), começamos a refletir sobre os dizeres desses sujeitos, que de certo modo, são silenciados. E isso reflete na expressão que habita “fique em casa!”. Diante disto, indagamos: Qual o sentido que a expressão “fique em casa!” tem/faz para quem está na rua? Quais são as condições de produção desse discurso? Para quem ele se dirige? Quando os sujeitos são colocados em abrigos é para protegê-los ou proteger as pessoas que “tem casa”? São tantas perguntas que aí se desdobram que nos fazem pensar nessas pessoas que estão em situação de rua, e que muitas vezes possuem seus direitos negados.

As reflexões acima descritas nos inquietam ainda mais à medida que observamos dados significativos com relação ao aumento da população de rua em todo o território nacional. De acordo com os dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua ocorreu um aumento expressivo das pessoas em situação de rua. Em dezembro de 2021, segundo cadastros no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), eram 158.191 pessoas vivendo nas ruas do Brasil. Em maio deste ano, este número cresceu, totalizando 184.638 pessoas em situação de rua em nosso país, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 2- Pessoas vivendo em situação de rua – 2021/2022

Ano	Pessoas em situação de rua
2021 (Dezembro)	158.191
2022 (Maio)	184.638

Fonte: CadÚnico, 2021/2022.

Os dados revelam a fragilidade de políticas públicas que assegurem o direito de “ficar em casa” a esses sujeitos (in)visibilizados. São dados alarmantes que, no contexto pandêmico elevou absurdamente, ou seja, ocorreu um aumento bastante expressivo de pessoas em situação de rua.

Nessa conjuntura, podemos dizer que a expressão “fique em casa!” ratifica a (in)visibilidade dessas pessoas. Para compreender tal (in)visibilidade trazemos para a discussão Certeau (2009) e Santos (2010) que nos ajudam a compreender a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos que sempre estiveram do “outro lado da linha”. É possível perceber isto nos diálogos entre pesquisador-sujeitos:

Pesquisador – você acredita que se tivesse continuado a estudar e não se envolvido com drogas, estaria em um outro lugar? sua vida mudaria?

Poseidon – com certeza.. com minha família. estou aqui esperando eles. Poderia estar famoso...é... eu joguei bola no SESI...hoje eu estaria poderoso....seria um jogador famoso (risos) todo mundo ia olhar pra mim.

Pesquisador – as pessoas não olham pra você...?

Poseidon – assim...alguns não...eu...na rua. algumas diz “oi”...”oi”...aquelas pessoas desse prédio (se referindo ao prédio que tirou foto), me ajudam...

A partir da fala de Poseidon é possível problematizarmos o olhar negligenciado socialmente a esse sujeito. Na percepção dele ocupar um outro lugar escolarizado, familiar e em circunstâncias de trabalho possibilitaria a este sujeito um existir social, um olhar ao qual ele não tem experienciado em sua vivência de situação de rua. O olhar almejado atravessa os limites das condições físicas e externas e relaciona-se com a própria subjetividade do sujeito.

Vale dizer que esse momento de diálogo foi realizado antes da pandemia da Covid-19. Portanto, a subjetividade está impregnada desse desejo de justiça social. Porém, parece-nos que a expressão “fique em casa!”, uma expressão apadrinhada pelo sistema capitalista neoliberal, mexe “numa ferida subjetiva”. Volto a perguntar: qual o sentido que a expressão “fique em casa!” tem/faz para quem está na rua? Para quem ela se dirige? Talvez se dirija para um “jogador de futebol”, como bem disse Poseidon, que se fosse um “jogador de futebol, poderia estar ocupando um outro lugar.

Nesse contexto, percebemos que a sociedade moderna capitalista é abissal e excludente. Ou seja, como diria Santos (2010), cria-se uma linha imaginária, na qual separa quem está “deste lado da linha” e quem ocupa “o outro lado da linha”. Nesse sentido, a divisão é tal que “o outro lado da linha” é produzido como inexistente. Isso significa dizer que os que estão do “outro lado da linha” (as pessoas em situação de rua, por exemplo) são (in)visibilizados, na condição de inexistência, em todos os sentidos, até mesmo na expressão que habita a frase “fique em casa!”, pois não o inclui enquanto sujeito.

Desse modo, percebemos que a expressão “fique em casa!” não faz sentido para esses sujeitos, afinal: “que casa”? É preciso ressignificar a expressão “fique em casa!”, uma vez que esses sujeitos estão na zona de silêncio, pois são pessoas consideradas como inexistentes. Suas histórias são apagadas, devido a condição de (in)visibilidade.

Em tese, esta seção pretendeu discutir o contexto social e histórico na qual os sujeitos estão inseridos, discutindo as contradições e antagonismos do sistema capitalista. Por isso, acreditamos ser importante trazer essas dimensões, pois foram discutidas as tensões sociais e históricas implicadas na luta de classes.

4. O CENÁRIO DAS RUAS: as imagens que revelam a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua

Antes de qualquer conceito ou discussão, cabe aqui justificar o uso da expressão “através” em alguns momentos no texto. A palavra através foi posta no sentido de como as narrativas são atravessadas pelas fotografias e, assim, nos permitem refletir sobre histórias de vida, ou seja, uma metáfora que nos instiga para além do seu conceito casual, pronto e acabado. Desse modo, a tentativa de utilizar a fotografia como instrumento de pesquisa neste trabalho é trazer à tona um novo sentido para a fotografia. A fotografia como algo que desperta histórias e narrativas de vida. São histórias e narrativas de um povo marginalizado, ou melhor, de uma população que sempre esteve “do outro lado da linha” como diria Boaventura de Souza Santos (2010).

O caminho percorrido metodológico atravessou uma perspectiva pautada por um olhar do pesquisador, a partir de movimento de aproximação com os sujeitos, tomamos como ponto de partida a escuta como um meio de estabelecer uma relação entre os atores envolvidos na investigação, entendendo, assim, que esta se configura como uma necessidade que emerge dos processos desenvolvidos nas sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, a cada diálogo através das imagens fotográficas, é como se eles dessem, de alguma forma, uma lição de vida por meio de suas práticas “ordinárias” (CERTEAU, 2010) e culturais, sempre tão (in)visibilizadas pelos que parecem donos da verdade, sobretudo nos espaços da rua. Muitas vezes fui surpreendido, quase a contrapelo, pela contracorrente das palavras que me levava, tal como disse Clarice Lispector (1976), a “um horrível mal estar feliz”. As lições me chegavam como uma espécie de conselho, pois nelas continham as experiências desses narradores praticantes, que escapam completamente do sentido de uma lição de moral. De acordo com Benjamin (1987),

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros (op. cit., p.200. Destaque do autor).

Muitas das vezes, esses sujeitos se mostram como sujeitos carregados de sonhos e desejos. Sonho marcado por propósitos. Mais do que “falar” pelo outro, é preciso escutar do outro. E isso lembra a uma atitude freiriana de olhar o outro: “[...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira [...] num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 1987, p.44).

E são às pessoas em situação de rua, que esta pesquisa é atravessada. Através dessas pessoas que vivem à margem, o pesquisador se reconhece, mas, ao mesmo tempo, também estranha o abandono. É uma espécie de “estranho familiar”¹⁵ que nele provoca, provavelmente, uma sensação de desamparo e angústia. Destarte, acreditamos que a justiça cognitiva potencializa a justiça social.

Neste passeio pelas ruas da cidade de Maceió, é possível olhar para esses sujeitos e conseguir compreender, através de nossos diálogos, que eles transformam o seu silêncio numa possibilidade de experiência fecunda. E isso é o modo tático como se dá os “[...] jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 2009a, p.91), para mostrar suas “[...] astúcias de interesses e de desejos diferentes” (idem, p.92. Destaque em itálico do autor).

4.1. A saga itinerante de um *flâneur*¹⁶: um olhar (dis)traído pelos encantos do cotidiano

Ao nos dispor a realizar uma pesquisa sobre as pessoas em situação de rua na cidade de Maceió, estamos cientes de que é preciso, antes, permitir-nos ocupar a posição de um *flâneur*, passeando pelas ruas para admirar a estética que ali se produz em virtude de tantas pessoas – e histórias, que, sob determinada (des)ordem de um cotidiano, se cruzam em silêncio. Colocar sob o olhar investigativo algo que nesses espaços se passam, é procurar tirar o véu dessa rotina/retina – descortiná-la de suas

¹⁵LACAN, Jaques. **O estádio do espelho na formação da função do eu**. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁶ O termo *flâneur* é utilizado no texto como uma metáfora à atitude do pesquisador, que se faz exposto ao universo da pesquisa. *Flâneur* é um termo francês, cujo significado é 'passeante', A palavra *flânerie* se refere à atividade própria do *flâneur*: vagar pela cidade, passear sem rumo, aberto a todas as vicissitudes e as impressões que estão ao redor. Foi um termo utilizado por Walter Benjamin que, a partir da poesia de Charles Baudelaire, chama atenção para este observador privilegiado da vida moderna – o *flâneur*. O poeta Baudelaire (1997) via o *flâneur* como um “observador apaixonado” das cidades e das multidões que as compõem, um olhar sobre a vida ordinária. Para maiores esclarecimentos ver: Benjamin (1994) e Baudelaire (2001), Rouanet (1992).

vãs aparências. Como diz Benjamin (2000), é autorizar-se a ver “a cidade sem disfarce”. E isso significa poder implicar(-se) com este **contexto** que ali se inscreve a cada dia. Por isso, é preciso caminhar pelo bairros, vagando pela sua geografia e redescobrimo seus espaços com a presença jubilatória do outro, porque é desse modo que “[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2009, p. 165). Ou seja, “O ato de caminhar perece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (idem, p. 164).

Nas trilhas desse percurso, numa saga itinerante, nos pusemos em busca dos “lugares” de encontro das pessoas em situação de rua – sujeitos da pesquisa. Em princípio, parecia uma “tarefa simples”. No entanto, conforme dito anteriormente, ela demandou esforço físico para localizar “nossos sujeitos” espalhados pela cidade de Maceió, pois são muitas as pessoas que vivem em situação de rua. Ir ao encontro do desconhecido para (me) expor a minha ignorância. Mais do que falar, certamente vou precisar ouvir sobre aquilo que não sei e ao mesmo tempo me fascina.

Nessa travessia pelos bairros, tentando, inclusive, localizar as ruas e praças que elas mais frequentam ou estão¹⁷, nos deparamos com alguns deles, diversas vezes, numa grande roda de conversa. Ao nos aproximarmos do grupo, pudemos perceber que eram pessoas de diferentes idades e gêneros humanos. A conversa entre eles parecia animada, sentados à sombra de uma árvore. Um momento de pausa e cumplicidade entre eles. Nesta amizade em que se “[...] abrem as portas para uma hospitalidade sideral, sem impor condições” (SKLIAR, 2014, p.50).

Aproveitamos a ocasião para conhecê-los informalmente e também fazer uma breve apresentação sobre o objetivo de nossa pesquisa. E eles foram receptivos e pareciam até mesmo entusiasmados com a possibilidade de serem os protagonistas de uma “história”, sugerindo outros nomes de colegas, que ali não se encontravam – para fazerem parte da pesquisa. Porém, tiveram àqueles que não quiseram participar e respeitamos sua decisão.

Apesar de os primeiros contatos com essas pessoas terem se dado de modo informal, através deles já foi possível, ao compartilhar dessa roda de conversa, bem como de outros encontros fortuitos (para identificação de seus espaços), nos darmos conta das angústias e das alegrias, cada vez que nos dispúnhamos a escutar um

¹⁷Vale dizer que tive auxílio da abordagem social para localizá-los.

pouco da(s) sua(s) história(s) – das pessoas de rua, em geral, excluídos, logo cedo, do contexto escolar. Nessas primeiras conversas (ainda sem a aparelhagem dos instrumentos de pesquisas), como forma tática de aproximação, nos foi narrado, por muitos, que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecer a escola ou que pararam de estudar por diversos motivos.

Ao participar dessas conversas, percebemos a importância de se poder, de fato, dar voz àqueles que foram silenciados em seus saberes. Assim, “**fala-se deles** mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem um discurso emprestado, o que os dominadores usam” (BOURDIEU, 2007, p. 69. Grifos nossos). Trata-se, então, nas tentativas de narrações sobre suas histórias, de oferecer escuta e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (PARANÁ, 1996, p.317).

4.2. (A)colhendo os dados iniciais: primeiros passos da pesquisa

Através de observações empíricas das práticas cotidianas realizadas pelas pessoas em situação de rua no seu dia a dia (ruas, praças, calçadões), fui inquietado por uma (in)visibilidade forjada que se traduz, muitas vezes, em atitudes de indiferença dos que ali circulam – como se a presença deles já estivesse naturalizada e nenhuma curiosidade, tanto afetiva como epistemológica, recaísse sobre essa massa desses sujeitos de rua. Dessa inquietação originaram-se as seguintes questões: quem são os praticantes (in)visibilizados no/pelo cotidiano das ruas da cidade de Maceió? Quem são esses praticantes que transitam pela cidade sem “poder” usufruir dos processos de cidadania e formativos que a própria cidade produz? Como essas pessoas forjam seu cotidiano, considerando a sua convivência diária em um lugar rodeado de pessoas constantemente, além de estarem expostos a cartazes, folder, etc?

Há diversas reflexões que aí se desdobram, uma vez que eles parecem sujeitos esquecidos vivendo à margem do discurso que o próprio Estado “professa” em suas leis e documentos oficiais, como consta na Constituição Federal de 1988¹⁸. Essas inquietações nos levaram a colocar em destaque algumas categorias que, no momento inicial da pesquisa, pareciam nos ajudar a procurar respostas para as

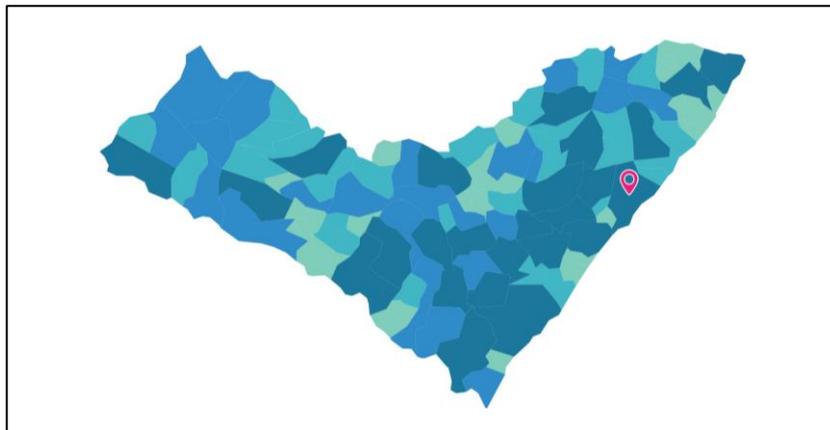
¹⁸ No Art. 6º da Constituição Federal de 1988 relata: são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a **moradia**, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta **Constituição**.

nossas indagações, procurando compreender alguns aspectos do contexto sociocultural desses praticantes. Era preciso ter um ponto de partida para ir buscando outras trilhas para o percurso da pesquisa. Para tanto, nos ocupamos de fazer um levantamento de alguns dados, no setor administrativo da SEMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social de Maceió (à qual têm políticas públicas voltadas para esses sujeitos), referentes às seguintes categorias¹⁹: gênero, faixa etária, etapas de escolarização.

4.3. Aproximando-se dos sujeitos praticantes: o encontro com as pessoas em situação de rua através de fotografia

A pesquisa foi realizada em Maceió, capital de Alagoas entre os anos de 2019/2020. Esta cidade foi escolhida por ter sido realizada a experiência do pesquisador em 2016 como Educador Social. Maceió em termo territorial possui uma área equivalente 510,655 km², segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Portanto, é a cidade mais populosa de Alagoas, com um total de 50 bairros localizados em sua região geográfica, com uma população no último censo (2010) 932.748 pessoas.

Imagem 2 - Mapa do Estado de Alagoas



Fonte: IBGE, 2010

Na imagem acima é possível observar o mapa do Estado de Alagoas, nele identificamos a cidade de Maceió, onde a pesquisa foi realizada. Foi realizada pelos bairros de Jatiúca, Pinheiro, Jacarecia, Mangabeiras e Ponta Verde, que fazem parte

¹⁹ Na seção cinco (5) trazemos o perfil desses sujeitos.

equivalente a 1.38 km² 24.402 habitantes, segundo o censo de 2010 do IBGE. A seguir os mapas dos bairros mencionado anteriormente.

Imagem 5 - Mapas do bairros: Jatiuca e Ponta Verde



Fonte: bairrosdemaceio.net

Esses bairros são considerados cartões portais da cidade de Maceió. As orlas e praias de Ponta Verde e Jatiúca são localizadas nestes espaços. Já o bairro do Pinheiro, um pouco distante dos bairros mencionados anteriormente, tem uma população de 932 748 pessoas em 2010, com uma área equivalente 1,96 km². Todos esses bairros caracterizados acima, são territórios escolhidos que as pessoas em situação de rua que fazem parte deste estudo frequentam, ou melhor, elas se encontram em situação de rua nesses espaços caracterizados acima.

Precisava estar mais próximo do cotidiano dessas pessoas para acompanhar, de alguma forma, seu dia-a-dia, assim, tive que transitar pelos diferentes bairros apresentados acima. Ouvir as vozes silenciadas desses praticantes. “Vozes vivas e diversas que se aprovam, se comovem, se lembram; vozes que se lastimam, respondem e se contradizem” (CERTEAU, 2009, p.224). Uma tentativa de compreender de que forma aquele ambiente pode potencializar as “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2009a), produzindo redes de “fazereresaberes” (ALVES, 2008) emancipatórios. Até porque “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2009, p.41. Destaque do autor).

Imagem 6 - O encontro com o outro



Fonte: pesquisador, 2019.

Assim, pude (re)inventar as trilhas, nesse “labirinto de ecos” (CERTEAU, 2009, p.166), apoiado pelo fio de tantas vozes. E a própria caminhada pelos bairros, redescobrimo seus “espaçotempos” (ALVES, 2008) em sua complexa geografia da cidade de Maceió, me fez perceber que “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc” (CERTEAU, 2009a, p.166). A caminhada funcionou como uma espécie de metáfora aos procedimentos metodológicos adotados. Esse passeio pelas ruas, numa “liberdade gazeteira” (CERTEAU, 2009a), nos autorizou um lugar a mais de enunciação em nossa pesquisa. Optamos então pela transgressão do caminho que antes havia sido traçado, uma vez que ela “[...] implica que o limite esteja sempre em movimento” (DERRIDA, 2001, p.19).

Foi por meio dessa transgressão que se pôde desconstruir um modelo de ciência que nos foi imposto pela tal modernidade. Uma desconstrução que precisa ser feita de forma radical, quando se trata, sobretudo, da opção metodológica de uma pesquisa. Ou seja,

Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p.9).

Com efeito, é nos acordes de uma conversa, sem *scripts* e sem determinações *a priori*, que se pode operar uma captura – tal como numa “pegada” (DERRIDA, 2001) em cujo deslizamento forja-se um “estranho familiar”. Ou seja, ao contrário da lógica opositiva (é ou não é), o “estranho familiar”, ao tempo em que se revela dotado de uma dupla formulação, confundindo presente-ausente; passado-futuro; visível-invisível, impossibilita, no jogo das diferenças, que algo se mostre plenamente transparente. Nesse jogo, é preciso compreender que o que nos resta são os rastros, pois “(...) nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente” (DERRIDA, 2001, p.32).

Para contracenar com esses diálogos, trazemos o que na verdade serviu como mote – outro pretexto – para disparar as memórias narrativas, qual seja, as imagens fotográficas tiradas – no cotidiano desses sujeitos– a nosso pedido, bem como as legendas posteriormente colocadas em imagens tiradas por eles – sujeitos da pesquisa. Afinal, é pela possibilidade de expressão que os sujeitos praticantes podem se libertar de uma opressão, apropriando-se desse discurso, sempre polissêmico, com maior liberdade e criatividade. Daí porque sobre o pesquisador, sob o efeito das narrativas das pessoas em situação de rua, se opera um estranhamento, quando ele se deixa impactar por esses discursos que se apresentam “inadequados”, mas, contraditoriamente, abertos ao movimento de alteridade. Uma (com)posição narrativa que expõe, numa arena de possibilidades discursivas, a contramarcha de uma (pré)visão.

A finalidade dessas conversas não era transformar as falas em dados estereotipados para prestar conta a um modelo dominante de ciência, na qual se deposita uma pretensa autoridade acadêmica. Nem mesmo classificar atitudes, colocando-me na posição de quem tem o domínio da verdade. Ao contrário, a intenção era colocar-me na posição de escuta. Poder ouvi-los falar sobre o que muitos pesquisadores parecem não querer dar atenção para não perder tempo, tempo esse que a pesquisa caracteriza como factível. No entanto, é preciso compreender que

Talvez, para encontrar o Outro, se tenha de descarrilar destes tempos do possível e do previsível, desses tempos dominados pelos projetos e pelos cálculos, para deixar-se compassar e embalar em um tempo de idade volta, um tempo elástico que se recusa ser medido e contabilizado (PLACER, 2011, p.89).

Ao escutar as pessoas em situação de rua, que falam sobre suas trajetórias de vida, escolar, de seu modo de pensar, de seu viver e do seu sentir enredados em suas práticas cotidianas, “[...] espero tornar sensíveis aquele fragmento da voz, aquele movimento às vezes rude, áspero, aquele frêmito de uma emoção, de uma lembrança” (CERTEAU, 2009b, p.226). Espero dar a palavra para que ela a mim retorne não como tradução, mas como um sopro significante, que nos faz ouvir algo singular na “Textura de vozes vivas e verdadeiras que dá densidade a palavras tão comuns” (idem, idem). Assim, pudemos estabelecer relação entre os saberes e as experiências estéticas reveladas pelas pessoas em situação de rua através das imagens. É o que discutiremos a seguir.

4.4 A solicitação das fotografias: reações e surpresas

Nessas idas e vindas, foi possível solicitar que as pessoas em situação de rua tirassem fotos de algo interessante ou que chamasse atenção nos lugares onde frequentam cotidianamente, ou seja, a rua. Logo após, elas tiveram a oportunidade de dar legendas para as suas imagens.

Nossa expectativa é que pudessem apreciar as fotos tiradas por elas, bem como os lugares/espacos que os mesmos ocupam e que estão implicados pelas suas histórias e saberes. De fato, ao ver suas fotos, todos reagiram com grande surpresa: ora sorrindo, ora chamando atenção para a beleza da foto. Um elogio, uma emoção, um orgulho de si e muitas vezes apenas um silêncio de admiração foram os sentimentos expostos cada vez que olhava a foto que eles mesmos tinham tirado. Um olhar vagaroso sobre as fotografias como se elas tivessem um poder mágico de transportá-los para outros lugares, para outra cena.

Em seguida, solicitamos que tirassem fotos dos lugares que chamavam sua atenção. Percebemos que os sujeitos tinham dificuldades de manusear a câmera fotográfica. Gaia²⁰ foi uma delas (como mostra a imagem abaixo). Foi preciso explicar didaticamente. Após a fotografia, pedimos que criassem legendas relacionadas às imagens fotográficas por eles escolhidos. Poderia ser qualquer tipo de legenda, traduzida em frase ou mesmo uma única palavra. O importante era se deixar levar pela inspiração das imagens.

²⁰ Pessoa e situação de rua. Mais adiante apresentaremos.

Imagem 7 - Reações e Surpresa



Fonte: Pesquisador, 2019.

No entanto, o termo legenda não foi familiar para nenhuma dessas pessoas, e logo me dei conta de que eu deveria dar uma explicação sobre o significado dessa palavra para que pudessem realizar essa atividade. Até porque era eu o pedagogo, o pesquisador. Mas “explicar é um monstro de mil caras cuja finalidade parece ser a de diminuir o outro por meio dos terrores das palavras habilmente encadeadas numa gramática professoral” (SKLIAR, 2014, p. 220).

Devo confessar, então, que não foi tão simples quanto eu pensava, uma vez que o ato de explicar é também uma troca de saberes, independente da pouca escolaridade do outro, vez que não há saber mais ou saber menos, existem saberes que se interrelacionam criando e produzindo novos saberes. Por outro lado, o ato de explicar não deixa de ser um risco para quem se coloca na pretensa posição daquele que sabe, na condição de um explicador. Assim, pude perceber que “[...] A explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos” (RANCIÈRE, 2013, p.24).

E a cada explicação ia ficando cada vez mais numa situação, muitas vezes, embaraçosa porque não encontrava a palavra “certa”, aquela que pudesse de fato explicar o significado do termo legenda. Como diz Bakhtin (2003), “O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata” (p.292). Desse modo, minha

explicação foi marcada por vacilos e hesitações. E, assim, terminávamos rindo de “nossas dificuldades”. Não raro, eles me ajudavam a dar clareza às tentativas de explicações dando, inclusive, seus próprios exemplos.

Outro aspecto interessante dessa investida metodológica foi o exercício de tirar essas fotos para serem legendadas, pois ela muito nos revela sobre o olhar de cada um. Mais ainda: o que, daquilo que (se) diz, faz reverberar como experiência, dando sentido ao que acontece no dia a dia desses praticantes.

Vale ainda dizer, do ponto de vista metodológico, que foi tomada a decisão, conforme dito anterior, de nomear as pessoas em situação de rua com nomes fictícios. Desse modo, elegemos nomes de Deuses que, de alguma forma, traduzem as atitudes e comportamentos que chamaram a atenção durante a convivência com eles, além, de potencializar a sua existência.

Inicialmente dialoguei com (seis) 6 pessoas em situação de rua, porém foram selecionados quatro (4) dessas pessoas com os quais dialoguei de forma mais sistemática. Os encontros foram realizados em média de dois (2) a três (3) com cada um deles, nos quais as conversas levavam em média de 30 minutos a 1 hora, às vezes um pouco mais. Essas quatro (4) pessoas nos foram mais acessíveis, sempre dispostas ao diálogo. E são as conversas e as imagens fotográficas tiradas por elas que aqui serão expostas na tentativa de melhor compreender que forma esse contexto de rua enreda-se com as práticas culturais e história de vida desses praticantes, produzindo subjetividades singulares. Com efeito,

A verdade do outro, diferente da minha, revela-se a mim como uma vontade singular e, portanto, não acabada. A presença de uma *outra* vontade me faz presente, através da evidência de minha própria incompletude, o caráter não fechado dos sentidos que minha vontade produz. Em sentido positivo, através desta diferença com o outro me percebo como potencialidade de diferenciação, posso retomar minha existência como perspectiva-em-devir e não como totalidade consagrada (SKLIAR, 2014, p.258. Destaque do autor em itálico).

Ou seja, o singular – aquilo que se faz habitado de emoções e criatividade – é o que nos implica e nos interroga, em virtude de suas enigmáticas impressões. Sem as armaduras de visões reducionistas e conservadoras, a metodologia de nossa pesquisa foi sendo escavada nesse mundo de possibilidades e “perspectivas-em-devir”. A cada passo uma nova descoberta e um novo desafio, vez que essa compreensão do outro se constitui um momento de nossas práxis. Mais ainda: “A

objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força, efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro” (BAKHTIN, 2003, p.29).

Afinal, o lugar que o pesquisador ocupa é também um lugar de “atitude responsiva” (BAKHTIN, 2003), porque estamos lidando com a palavra do outro. Muitas vezes, em diálogos com os nossos praticantes, lidamos com silêncios, falas inesperadas, estranhas palavras e até mesmo vozes que soam familiares, o que nos obriga a reconhecer que “[...] o enunciado ocupa essa posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (BAKHTIN, 2004, p.297. Destaque em itálico do autor). Daí porque não há verdades, “a verdade está no movimento que a descobre e no rastro que a nomeia” (DUFOURMA; DERRIDA, 2003 p. 52) como forma de experiência. “Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (LARROSA, 1996, P.27).

O diálogo com essas pessoas sobre seu cotidiano, a partir de suas imagens fotográficas, implica, entre outras coisas, pensá-las como revelação de uma “grande e misteriosa experiência”, que se apresenta como “experiência narrável” (BENJAMIN,1984). As imagens produzidas por esses praticantes, acerca de seu cotidiano, pelos bairros e ruas de Maceió, nos exigiram não somente um olhar contemplativo, mas, sobretudo, um olhar que “procura ver”. Mais do que imagens, elas nos chegam como possibilidade de leitura, tal como “[...] um texto profano que se mostra fluido, inacabado, dinâmico e vivo em sua traduzibilidade” (LARROSA, 2004, p.107).

Com as fotografias, nossa intenção era poder capturar, no instante de um momento, o olhar dessas pessoas para o seu espaço de seu cotidiano. É Samain (1995) ainda que nos alerta: “arte do saber ver é uma arte do poder dizer e do fazer pensar através de imagens” (p.27). Foi com esse princípio que procuramos desvelar memórias, narrativas e saberes.

4.5 A imagem fotográfica como possibilidade de revelação dos saberes e histórias de vida

Não-existência que como diz Santos (2008) é produzida no contexto de uma “razão metonímica”, surgida com e fomentada pela Ciência Moderna que somente valida e visibiliza os sujeitos e saberes que ela própria consegue compreender. Nesse contexto, tudo aquilo que escapa a essa razão é desperdiçado como experiência, quando na verdade o problema não reside nem na experiência nem no sujeito que a vive, mas sim na razão que o classifica.

Temos como pressuposto a ideia de que há uma diversidade epistemológica no mundo e nosso trabalho tem como direção o reconhecimento e a valorização dessa pluralidade. E essa pluralidade transita em espaços onde as pessoas em situação de rua transitam. Como Santos, também pensamos que “a experiência social (...) é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante” (SANTOS, 2008, p. 94). Em tese, acreditamos numa perspectiva na qual enxerga a fotografia como uma ferramenta que permite o outro expressar seus saberes, seus desejos e história de vida.

Nesse sentido, a imagem fotográfica permite revelar experiências, pois de acordo com Samain (2012), as imagens são produzidas a partir de determinados conhecimentos e que produzem também conhecimentos - seus cotidianos, suas táticas de “uso/apropriação” do espaço e tempo de onde foi tirada e por quem foi tirada. As fotografias implicam, entre outras coisas, pensá-las como revelação e uma “grande e misteriosa experiência”, e ainda, contribuem para tornar uma experiência narrável (BENJAMIN, 1984).

As imagens fotografias são como “molas inspiradoras” que muito nos revelam sobre o olhar e as concepções de mundo de cada sujeito que a produziu. Mais ainda: o quê, daquilo que (se) diz/vê, faz reverberar como experiência, dando sentido ao que acontece no cotidiano. Desse modo, as imagens possibilitam aos sujeitos a experimentar, (re)criar e (re)inventar narrativas variadas, a partir daquilo que criam nas sua relação com essas imagens.

Estas, por certo, produzem realces, descrevem momentos e situações, além de nos possibilitar olhar/compreender a realidade e a dinâmica dos cotidianos. Olhá-las é o exercício de colocarmo-nos em diálogo. Embora possa parecer um

contrassenso pensar e tentar compreender a dinâmica do cotidiano por meio de imagem fotográfica - uma vez que temos a ideia de que a partir da foto cristalizamos a imagem - é impossível não reconhecer que essas imagens, potencialmente, nos revelam sonhos, desejos, disfarçadas aventuras. Enfim, modos de subjetividade dos sujeitos.

Para Ciavatta (2002, p. 32), “a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado”. Portanto, as imagens (re)inventam e (res)uscitam histórias, histórias implicada por um passado e presente. Talvez, seja por isso, que “imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas” (FLUSSER, 1985, p.7).

Flusser vai nos contar que a “a fotografia se movimenta na floresta densa da cultura” (FLUSSER, 1985, p. 18). Cada imagem é um momento, uma escolha, uma revelação sobre algo ou alguma coisa. Afinal, é através do olhar fotográfico que possibilita o sujeito a captar e registrar práticas de seu cotidiano, pois a fotografia é “sempre alguma coisa que é representada” (BARTHES, 1984, p.49), atravessada pela subjetividade, “a fim de descobrir visões até então jamais percebidas”. (FLUSSER, 1985, p. 18).

E, além disso, a fotografia consiste no pensamento afetos daquele que o produziu, mas ela é também o diálogo com aquele que vê, ou o quê provoca naquele que a vê, como sugere Samain (2012), pois as imagens que emergem das fotografias contam muitos das pessoas em situação de rua que as fotografam: falam de memórias, de sonhos, de afetos, de suas formas de conhecer e ser, ou seja, falam de suas existências. Portanto, “toda imagem nos oferece algo para pensar” (SAMAIN, 2012 p. 22), veicula pensamentos e é produzida/veiculada pelos mesmos.

Nesse sentido, todas elas são fenômenos de memória: produzem e são produzidas pela memória. Com efeito, as fotografias nos dão pistas do que pensa e do que sente quem produz as imagens. As imagens que as fotografias produzem e reproduzem, tal como as enunciações verbais tem um auditório social (BAKHTIN, 2003) e consistem em um ato responsivo, já que estão sempre respondendo a um “outro”, em interação.

5. NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DE VIDA E ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Para analisar as narrativas de vida e de escolarização das pessoas em situação de rua, é preciso, antes, refletir um pouco sobre a nossa compreensão acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois consideramos os sujeitos aqui investigados como sujeitos da EJA. Ou seja, a despeito de estarem ou não frequentando a escola, são pessoas potencialmente com direito à Educação, mas, de alguma forma, da escola foram excluídos.

A EJA no seu sentido *lato*, que inclui a perspectiva da **Educação ao longo da vida**, não diz respeito à EJA apenas como uma modalidade escolar. Ao contrário, ela leva em consideração a educação como um **direito**. E isso tem a ver com a democratização do ensino, garantindo a todos os indivíduos o acesso, com permanência, à Educação (UNESCO, 1997, p.3). Nossa pesquisa coloca em relevo esses sujeitos – excluídos em sua trajetória escolar ou com passagens intermitentes pela escola. E aqui estamos falando das pessoas em situação de rua, que habitam pela cidade de Maceió²¹.

É, portanto, o ambiente (rua), onde circulam cotidianamente, que os convoca todo tempo para este lugar do saber e, de modo particular, da cultura. Além disso, o fato de eles circularem nas ruas de Maceió faz com que, de alguma forma, estejam expostos a conversas e olhares que parecem julgá-los o tempo todo. Seja um olhar compassivo ou até mesmo de aversão. Essas pessoas em situação de rua estão permanentemente nesta zona de contato com atores sociais que representam uma determinada “cultura” – um tipo de cultura que, certamente, faz parte da cultura dominante.

Por meio do diálogo, fizemos um convite as lembranças, às suas histórias de vida e a possíveis sonhos não realizados. Estar nesta condição – no seu dia a dia – é para essas pessoas, ocupar um lugar de invisibilidade. A rua é inhóspita, não há um espaço de aconchego. Além disso “aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define” (CERTEAU, 2009, p. 184. Destaques do autor). Ao trazer as memórias narrativas desses sujeitos, é uma tentativa de dar voz a eles. Mais que

²¹Maceió é capital do Estado de Alagoas, localizada na região nordeste do Brasil.

isso, é tentar desinvisibilizá-los através de suas próprias histórias e de seus saberes-fazer.

A partir de tais considerações, o estudo buscou refletir sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua, na cidade de Maceió, procurando compreender a sua condição de (in)visibilidade, através de imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos. Assim, traz à tona suas narrativas de vida e experiência no campo escolar. Essas pessoas, na posição de subalternizados, são consideradas, muitas vezes, como sujeitos destituídos de saberes.

Nesse sentido, Santos (2010) vai dizer que o pensamento moderno ocidental é abissal. Em outras palavras, cria-se uma linha (imaginária) através da qual se estabelece uma divisão radical de conhecimentos. Linha abissal invisível que expõe a separação que coloca aquele que sabe de um lado; e aquele que não sabe, de outro. Uma separação da qual a sociedade moderna tem se valido para produzir um apagamento da cultura daqueles que, socialmente, são considerados destituídos de cultura, em virtude de sua condição econômica e social. De fato, esses sujeitos parecem que estão sempre do outro lado da linha, pois eles desaparecem enquanto realidade.

O elo de confiança, até que se fizesse laço, foi tecido aos poucos, a cada encontro. Nem sempre, eles se mostravam abertos ao diálogo, apesar de receptivos à presença do pesquisador. Mas não faltava um sorriso e certa cumplicidade no olhar. Da posição de pesquisador, nem sempre me sentia confortável. Não queria parecer invasivo, ainda que a “curiosidade epistemológica”, tal como diz Paulo Freire (1996), aguçava o interesse de compreender o que se revelava em cada foto que por eles fora tirada. Compreender que tipo de realidade eles sentiram vontade de inventar naquele momento (do click) em que puderam sentir-se autores de sua própria vida, um modo de dialogar com eles mesmos, dar visibilidade as próprias lembranças e esquecimentos. Certamente um instante mágico em que a subjetividade faz-se revelada, pois cada experiência é única e o modo de senti-la é singular.

Nesse sentido, de um lado, o pesquisador com o insaciável desejo de conhecer os sentidos forjados nas imagens fotográficas dos sujeitos participantes e, assim, conhecer os significados das histórias vivenciadas naquele cotidiano, atravessado de incertezas e perigo. Do outro lado, 4 (quatro) pessoas em situação de rua convidadas

a participarem da pesquisa, ansiosas para contar sobre suas vidas e revelarem seus saberes-fazer do cotidiano. É importante ressaltar que inicialmente iam ser seis (6) participantes que iriam participar pesquisa, porém quatro (4) foram mais explorados, visto que eles se dispuseram a participar diretamente da pesquisa. Eles habitam diversos bairros da cidade de Maceió. Porém, os que compõem este trabalho estão em situação de rua nos bairros de Jatiúca, Ponta verde, Pinheiro, Mangabeiras e Jacarecica. Como dito anteriormente a pesquisa foi realizada entre os anos de 2019 e início de 2020. A seguir mostraremos um quadro sobre o “perfil” desses sujeitos:

Quadro 3 – Perfil dos sujeitos

NOME	DATA DE NASCIMENTO	LOCAL DE ABORDAGEM	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	TEMPO NA RUA	MOTIVOS DE ESTAR NA RUA
Poseidon	1978	Pinheiro	Solteiro	Fundamental Incompleto	Mais de 5 anos	Conflito familiar
Héstia	1977	Jatiúca (pandeiro)	Não relatou	Fundamental incompleto	Mais de 5 anos	Dependência química
Gaia	1972	Jacarecica (Mangabeiras)	Solteira	Fundamental Incompleto	Mais de um ano	Possui residência, mas prefere ficar na rua do que conviver com os filhos
Éolo	1963	Ponta verde	Solteiro	Nunca estudou	Mais de 20 anos	Desemprego
Sujeito	1958	Posto 7 (Jatiúca)	Solteiro	Fundamental incompleto	Mais de 5 anos	Dependência química
Sujeito	1970	Jatiúca	Solteira	Nunca Estudou	Mais de 5 anos	Dependência química

Fonte: pesquisador, 2019.

Este quadro revela o perfil²² dos sujeitos participantes desta pesquisa. É preciso enfatizar que dos seis (6) participantes, trazemos com mais ênfase quatro (4) sujeitos. Assim, as pessoas possuem idades entre 62 anos a 42 anos, sendo a maioria do gênero feminino. O que nos chamou atenção foi justamente a pouca escolaridade, pois a maioria narrou que estudou apenas até o Ensino Fundamental (incompleto) e duas nunca estudaram. Os motivos, muitas vezes, eram ditos devido as condições financeiras, pois tiveram que trabalhar desde cedo para ajudar a família.

Vale ressaltar que todos foram “abordados” na cidade de Maceió. A maioria também relatou que está em situação de rua há mais de 5 anos, vivendo pelas ruas da cidade de Maceió. Segundo os sujeitos, foram vários os motivos que os levaram a situação de rua, tais como: conflito familiar, dependência química e desemprego.

5.1. Poseidon²³: O Deus do mar

Pesquisador - Você lembra até que série- ano estudou?

Poseidon – Até a 4...3 série, por aí.

Pesquisador – O que te fez parar de estudar?

Poseidon – As drogas, briguei com a família. Saí até de casa.

Diante da fala de Poseidon percebeu-se o motivo que o levou a parar de estudar, entre eles - envolvimento com drogas em sua adolescência, quando ainda cursava o Ensino Fundamental. Poseidon espera rever sua família. Em todos os encontros, ele estava sempre sentado em um banquinho na praça, no bairro do Pinheiro, localizado na cidade de Maceió, como podemos observar na imagem abaixo:

²² Porém, trazemos discussões sobre as imagens fotográficas de quatro (4) pessoas em situação de rua.

²³ Na mitologia grega Poseidon é o Deus grego dos mares e dos rios. Tal nome fantasia foi dado e ressignificado para este sujeito, pois o mar é algo “caro” para ele, não é por acaso que iria fotografar o mar – certamente um espaço de existência, de sobrevivência para Poseidon.

Imagem 8 – A praça



Fonte: Poseidon, 2019.

Não lembra (com precisão) há quanto tempo está em situação de rua. Antes de solicitar que Poseidon tirasse foto do espaço no qual convive, foi perguntado: “se você pudesse fotografar essa realidade que está a sua volta, o que fotografaria?”. Logo, ele respondeu:

Poseidon – O mar.

Pesquisador – Por que?

Poseidon – Porque é bonito, eu tomo banho lá.

Não foi possível o sujeito tirar foto do mar, pois estávamos um pouco distantes. Então, o ato de fotografar não é um ato por acaso, mas um ato simbólico que o sujeito carrega consigo subjetividades e existências. Para compreender melhor tal afirmação, precisamos observar a imagem fotográfica que Poseidon tirou do seu ambiente cotidiano:

Imagem 9 – Uma boa lembrança.



Fonte: Poseidon, 2019.

Ao tirar esta fotografia Poseidon relatou que lembrava o lugar onde morava e ia à escola. Afirmou que era um prédio parecido com esse (da imagem fotográfica acima). Percebemos o enredamento subjetivo envolvido nesta fotografia. A potência da imagem, ao rememorar a própria história de vida e escolar do sujeito.

Pesquisador – e do prédio...por que você escolheu tirar foto deste prédio, qual título...qual legenda você daria?

Poseidon – do prédio...uma boa esperança...

Pesquisador – Por que uma boa esperança?

Poseidon – Faz parte da minha vida assim...tenho esperança de voltar pra casa. Tenho esperança.

Pesquisador – mas o prédio lembra...

Poseidon – Era assim quando eu morava. Morava com a minha mãe e irmãos. Era menor o prédio...tinha 3 andar...

Pesquisador – era bom...

Poseidon – Sim...era bom demais, menino...ia pra escola. Depois tive que trabalhar

Pesquisador – o que você lembra da escola? Tem algo que lhe marcou?

Poseidon – Da escola...que lembro...quando minha vizinha foi até a escola fazer minha festa...

Pesquisador – fizeram uma festa surpresa...

Poseidon – Foi a vizinha...ela trabalhava no colégio onde estudava.

Esse sujeito, ao relatar sobre sua história de vida e escolar, percebe-se as pistas marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social atualmente e seu envolvimento com as drogas. Na verdade, mais do que se retirar da escola, eles foram (e continuam sendo) “eliminados” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes. Percebemos o quanto o envolvimento com drogas e trabalho na adolescência tornou mais tortuoso o percurso escolar desse sujeito. Por isso que,

Fundada na ciência moderna, na absolutização do saber formal como única forma de saber e na crença de que cabe à escolarização ‘elear’ o educando da ‘cultura popular’ à alta cultura, modelo de escola dominante promove inferiorização discriminatória dos diferentes, universalizando particularismos tanto na estruturação do próprio sistema, evidenciando seu comprometimento com o projeto capitalista de progresso através do desenvolvimento ilimitado possível através da melhoria de produtividade pela ampliação de acumulação (OLIVEIRA, p. 83, 2008).

Isso se configura como uma forma de exclusão desses sujeitos do saber cultural escolar. Como adverte Bourdieu e Passeron (2008), a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, constituída segundo uma divisão de poderes extremamente desigual. Dessa forma, o sistema capitalista é um dos maiores causadores dessa desigualdade socioeconômica, tornando pessoas em situação de rua em condição de vulnerabilidade social. Ainda sobre a imagem do prédio:

Pesquisador – Você acredita que se tivesse continuado a estudar e não se envolvido com drogas, estaria em um outro lugar?

Poseidon – Com certeza.. com minha família. Estou aqui esperando eles. Poderia estar famoso...é... Eu joguei bola no SESI...hoje eu estaria poderoso....seria um jogador famoso (risos) Todo mundo ia olhar pra mim.

Pesquisador – As pessoas não olham pra você...

Poseidon – Assim...alguns não...eu...na rua...Algumas diz “oi”...”oi”...aquelas pessoas desse prédio (se referindo ao prédio que tirou foto), me ajuda.

As histórias de Poseidon revelam o quanto ele se ressentido dessa falta de visibilidade que recai sobre o seu cotidiano. O desejo de ser olhado com respeito e distinção se potencializa nas narrativas orais desse sujeito. Para ele, possivelmente

pelas suas experiências, só os poderosos gozam desse prestígio. Ele acredita que só quem ocupa certos lugares de poder (como ele mesmo se referiu a um jogador de futebol) é dado o direito de ser visto. Assim, ao fazer suas narrativas orais, pode recheá-las com as suas fantasias e ressignificar as suas frustrações. Por isso, não perde a oportunidade de (re)criar sua(s) história(s). Afinal, como dizia Etienne Samain (2010), toda imagem é uma memória de memórias.

Nesse sentido, ele põe em destaque o sentido de uma família. A família é vista (ela pode não ser) um lugar de estrutura, de estabilidade e isso ele não tem. Portanto, ser alguém sem família é uma desumanização. E isto nos faz pensar o que Skiliar (2018) relata: “Não temos, nunca, compreendido o outro. O temos, sim, massacrado, assimilado, ignorado, excluído e incluído, e, por isso, para negar o nossa invenção do outro, preferimos hoje afirmar que estamos frente a frente com um novo sujeito”.

Neste contexto, o sujeito sabe que é o outro na sociedade. Esse sujeito parece que não conseguiu na sua história de vida “ser mais”, se humanizar. Ele é tratado como o outro que precisa ser banido. Daí que a essência do homem é a humanização, a verdadeira humanização é a construção coletiva do mundo, refletir sobre ele, transformá-lo coletivamente. A humanização é um processo de comunhão. Quando eu exploro o outro – desumanizando, eu excluo este outro.

Em tese, desumanizar – significa – dominar. Tirar do outro o direito de estar no mundo. Tirar o “direito de se pronunciar no mundo”. O dominador escraviza o outro. Tira a humanidade do outro e a sua. Ao negar o diálogo, nega a si mesmo. A marca da opressão é a “coisificação” do homem. É a opressão. Estou transformando o outro no instrumento de minha mudança, minha satisfação e felicidade individual. É isto que a sociedade capitalista faz com esse sujeito.

No inconsciente **Poseidon** ao perder sua família e permanecer na rua ele perdeu a si mesmo, por isso, ele tem a esperança de encontrá-la. Ao encontrá-la (a família) ele encontrará a ele mesmo e esteticamente será um “Ser Mais” como dizia Freire (1969). A família está atrelada a escola. Famílias e escolas são duas instituições educativas da nossa sociedade e dão (ou deveria ser a) base da formação do sujeito no mundo.

5.2. Héstia²⁴: A Deusa do fogo

Héstia tem 43 anos e protagonista deste trabalho. Ela a todo instante se apresentava como um sujeito que queria “mostrar-se”, ou melhor, revelar suas maneiras de fazer (CERTEAU, 2009) o seu cotidiano. Não é à toa que ao pedido do pesquisador, Héstia tira foto do espaço aonde suas maneiras de fazer-cozinhar são reveladas, conforme podemos verificar na imagem a seguir:

Imagem 9 - Um lugar da felicidade



Fonte: Héstia, 2019.

A foto acima revela o espaço onde Héstia cozinha para seus amigos. Héstia, enquanto praticante, utiliza-se de táticas próprias – que se ocupam das “artes de fazer” (CERTEAU, 2009) para sobreviver em seu cotidiano. Assim, é possível perceber que há “maneiras de fazer” (cozinhar), - como a tática que Héstia utiliza - que se tecem em redes de ações reais e, assim, se inserem na estrutura social criatividade e plural da vida cotidiana desses sujeitos. A vida cotidiana de Héstia se dá em espaço/tempo de práticas (in)visibilizadas. A (in)visibilidade dessas maneiras de fazer se dá pela sua condição de sujeito de rua, visto que a sociedade moderna a exclui da vida social e

Foi escolhido esse nome fantasia, pois suas características, sua relação com os colegas se mostrava como alguém hospitaleira, já que na mitologia grega, Héstia é a Deusa do fogo, da hospitalidade e da vida doméstica.

cultural daqueles que estão fora dessa margem vulnerável. Héstia solicitou ao pesquisador que tirasse foto dela neste espaço:

Imagem 11 - Felicidades



Fonte: Héstia, 2019.

Além de tirar foto do espaço do qual configura-se como um elemento de sua existência, ela invocou o pesquisador para tirar foto dela, nesse espaço/praticado e reinventado por ela. É possível perceber que a imagem não só nos permite ver, mas possibilita o sujeito a refletir sobre ele mesmo. (ALMEIDA; WUNENBURGER, 2006).

Pesquisador: Por que você tirou foto deste espaço?

Héstia: É o lugar onde eu faço comida.

Pesquisador: Você faz a comida aqui? Isso é o quê?

Héstia: Meu fogão... Cozinho aqui...(apontando para o local).

Pesquisador: Então, você faz sua comida...

Héstia: Cozinho para todos. Todos os meus amigos...

Suas imagens mostram o cotidiano das pessoas em situação de rua: o lugar onde se faz o almoço, a comida para seus colegas. Daí que Flusser vai dizer que a fotografia possibilita uma movimentação “na floresta densa da cultura” (FLUSSER,

1985, p18). Ao fotografar, Héstia não manipula apenas uma máquina, mas toda a sua cultura, e a sua sensibilidade, pois é impossível não considerar a profusão de imagens que a imagem fotográfica de Héstia provoca: um sentido de coletividade e de pertencimento, por isso nos provoca o lugar escolhido – repleto de subjetividade e amorosidade.

5.3 Gaia²⁵: A Deusa da Terra

Gaia tem 49 anos de idade. O que nos chamou atenção no diálogo com Gaia foi seu modo de ver e (con)viver no mundo. Sua conscientização sobre o universo e o proveito e benefício disso. O que quero dizer que Gaia tem uma sensibilidade e ambiental e, ao mesmo tempo, luta para sobreviver na busca de recursos recicláveis. A conversa com Gaia se deu de forma tranquila. Ela sentada em uma cadeira reciclável e o pesquisador um pouco agachado buscando dialogar numa perspectiva horizontal, como mostra a imagem a seguir:

Imagem 12 - Conversa com Gaia



Fonte: Gaia, 2019.

²⁵ A forma como ia se revelando a partir das imagens e diálogo nos fez lembrar da deusa grega Gaia. Assim, homenageamos esta participante com nome Gaia.

De início, o diálogo partiu de tais questões: idade, escolaridade, há quanto tempo está em situação de rua, entre outras indagações. Assim, Gaia relatou que cursou até o ensino fundamental (não chegou a concluir). Está em situação de rua há mais de um ano. Relatou também que possui residência, mas prefere ficar na rua do que conviver com os filhos. Ela narrou que têm muitos conflitos diários com os filhos (não quis informar que conflitos são esses).

Pesquisador: mas, qual o motivo de a senhora está em situação de rua?

Gaia: Prefiro a rua, em casa é muita bagunça, não suporto meus filhos. Confusão toda hora.

Pesquisador: Que tipo de confusão? Poderia dá um exemplo?

Gaia: Prefiro não comentar, moço.

Pesquisador: Entendo. Fique a vontade.

O pesquisador, então sugeriu para que ela tirasse foto de algo importante para a sua vida, para ela. Gaia rapidamente mostrou ao pesquisador sua carroça de reciclagem, como podemos verificar na imagem a seguir:

Imagem 13 - Minha sobrevivência, meu sustento.



Fonte: Gaia, 2019.

Pesquisador: Você quer tirar foto deste carrinho?

Gaia: Sim. Na verdade, é uma carroça, sem cavalo. É meu automóvel (risos - sorrir timidamente). Meu sustento! Acho que você nunca viu uma carroça antes, né?

Pesquisador: Já vi. Meu pai já foi carroceiro.

Gaia: É meu filho...a vida não é fácil. Mas eu tô indo...

(...)

Pesquisador: Não é mesmo...que nome você daria para esta imagem que você acabou de tirar?

Gaia: Nome? Nome como? A gente tem que dá nome?

Pesquisador (sorrir): Então, deixa eu explicar...que título você daria? Você disse que ela é seu sustento.

Gaia: É..,sustento, sobrevivo.

Pesquisador: Vamos montar uma frase...

Gaia: Essa carroça é minha sobrevivência, meu sustento.

Pesquisador: Que bacana! Então vou colocar “minha sobrevivência, meu sustento”.

(...)

A imagem e o diálogo revelam o cotidiano de Gaia, marcado por implicações de sobrevivência, que não deixa de ser uma busca para a sua existência. Não podemos deixar de mencionar “o riso” é um fato que aparece no dialogo Pesquisador-Gaia. De acordo com Bakhtin (1997, p. 105), “O riso impede que o sério se fixe da integridade inacabada da existência cotidiana” (p. 105). Em outras palavras, o riso não recusa a seriedade. Ao contrário, ele completa-a, purifica-a do medo, da intimidação, e do próprio didatismo de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. Assim, podemos observar mais explícito no diálogo abaixo:

Pesquisador: Você consegue lembrar de como era a escola que você estudou?

Gaia: Não lembro muito bem...estudei...estudei...pouco...mas, era assim...tinha uma sala...a professora era legal com a gente...só não gostava dos gritos (risos).

Pesquisador: (risos) Gritos?

Gaia: Sim...porque os meninos eram muitos danados...um “cão”...então a professora gritava com eles e colocava de castigos.

Pesquisador: Entendi. Como eram os castigos? Você lembra?

Gaia: virado pra parede. Ela mandava os pivetes ficarem de frente pra parede. É porque eles bagunçavam de mais. Ela também copiava muito no quadro pra ver se eles paravam.

Pesquisador: Entendi. Você achava esse posicionamento dela certo?

Gaia: Os meninos eram danados demais...aí ela fazia isso...até eu já fiquei de castigo (risos). Não...eu não era danada...(risos)...as vezes... As vezes ela era chata mesmo...(risos).

Pesquisador: (risos). Sei.

Gaia: É...é...não gostava de ir pra escola...só gostava da merenda...(risos).

Durante o diálogo Gaia informou sobre sua relação com a escola e como a professora se “portava” dentro da sala de aula. Percebe-se o quanto a escola não tinha uma relação harmônica com os alunos. De certo modo, essa relação não afetiva, de conflitos entre professor e aluno terminou afastando os sujeitos do cotidiano escolar. Isso fica evidente quando Gaia diz “não gostava de ir para a escola”, pois o que lhe atraía era a merenda escolar. Fica evidente a violência simbólica que a escola acarretou na vida de Gaia. É preciso que a escola (re)pense seu currículo, seu modo de produzir conhecimentos e, sobretudo, (re)pensar a sua relação com o outro.

Além do carrinho, mostrou e tirou foto também do material de reciclagem que já tinha colhido nas ruas, como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 14 - Minha sobrevivência, meu sustento 2



Fonte: Gaia, 2019.

Atualmente, são esses materiais que dão “vida” a Gaia, uma vez que é por meio dele que ela tira seu sustento, sobrevive, resiste, EXISTE!. As imagens não são “janelas transparentes para o mundo” (RIOS; COSTA; MENDES, 2016, p. 6,). Portanto, elas interpretam o mundo, mostrando-o em diversas formas particulares. (RIOS; COSTA; MENDES, 2016, p.107)

5.4 Éolo²⁶: Deus do vento

Éolo foi um dos participantes que não queria se mostrar de frente para as telas da máquina fotográfica. Na verdade, ele justificou relatando:

Éolo: não gosto de foto, estou com uma aparência suja...há mais de 20 anos na rua.

Pesquisador: mas, você já buscou ajuda? Tentou sair desse lugar?

²⁶ Na mitologia grega, Éoleo é o Deus do vento. Assim, o quarto sujeito foi nomeado como Éolo, uma forma de homenageá-lo.

Éolo: Tentei, meu filho...mas, gosto do vento...da praça...de tá aqui caminhando...

Pesquisador: você gosta da liberdade que a rua te proporciona? Mas, você não acha que em uma casa...você pode se sentir mais seguro?

Éolo: Não, meu filho...gosto da rua...é perigo...não é fácil...desemprego...a gente toma uma de vez em quando...

(...)

Pesquisador: Está mais à vontade para escolher onde tirar sua foto?

Éolo: Você pode pedi alguém pra tirar foto nossa...mas, eu de costa...

Pesquisador: combinado.

Éolo: gosto dessa praça...

Pesquisador: você está sempre por aqui...?

Éolo: as vezes...

Pesquisador: Por quê? Você gosta desse lugar, da praça?

Éolo: Gosto do vento, da fresca dessa praça.

Este diálogo nos permite perceber a importância de ter uma escuta sensível, para compreender o outro. Daí que a rua é o lugar símbolo da liberdade e, ao mesmo tempo, da penalização (do próprio castigo). Assim, ele narra “não, meu filho...gosto da rua...é perigo...não é fácil...desemprego...”, é possível perceber por meio dessa fala de Éolo as consequências de estar em condição de pessoa em situação de rua. Percebe-se pela fala de Éolo que a rua se torna um lugar “perigoso” e, ao mesmo, tempo uma possibilidade a “liberdade”. Uma “liberdade” que apaga a própria visibilidade desses sujeitos na sociedade, uma vez que para sociedade moderna são sujeitos destituídos de saberes. A seguir a foto tirada por Éolo:

Imagem 15 - De costa na praça



Fonte: Éolo, 2019.

Esta imagem está impregnada de sentido subjetivo e, ao mesmo, tempo remete o quanto este sujeito é resultado do movimento desumano que a sociedade moderna ocidental capitalista o expõe: a desumanização presente na história dos seres humanos. Concordamos com Júnior e Nogueira (2021) ao dizer que para que seja vencida a situação de desumanização dos seres humanos torna-se necessário um processo de educação dos mesmos, de tal forma que eles possam tomar consciência de sua condição de seres desumanizados e partirem na busca de sua humanização.

Nesse sentido, Júnior e Nogueira (2021) relatam que para o sujeito “Ser Mais”, levando em consideração a perspectiva Freiriana, é preciso mover-se ao processo de conscientização e diálogo através do qual os seres humanos poderão tornar-se sujeitos no processo educativo, bem como na construção de sua humanidade. Nesta direção é fundamental fazer com que o outro reflita sobre sua realidade, sobre a sua condição existencial. Vejamos o diálogo a seguir:

Pesquisador: Você chegou a estudar?

Éolo: Não, nunca estudei?

Pesquisador: Você já entrou numa escola?

Éolo: já sim...

Pesquisador: Mas, você disse...você acha a escola importante?

Éolo: ...Eu nunca estudei de verdade...mas, já fui pra escola quando pequeno. Tive que deixar pra trabalhar...

Pesquisador: você trabalhou de quê?

Éolo: De tudo...pegava papel...coisas no lixo para comer...reciclar...ou eu trabalhava ou não comia...se eu tivesse estudado...não sei...

Este diálogo revela que os seres humanos, como seres inacabados, estão num processo de busca contínua de autorrealização. Isto é, os seres humanos querem “ser mais”. Entretanto, a história de vida e escolar demonstra que por diversos motivos e de diversas maneiras são impedidos por outros seres humanos de cumprirem sua própria vocação ontológica. (JÚNIOR; NOGUEIRA, 2021). Assim, esse diálogo revela que essas pessoas em situação de rua sempre estiveram “do outro lado da vida”, não é à toa que Éolo narra: “...Eu nunca estudei de verdade...mas, já fui pra escola quando pequeno. Tive que deixar pra trabalhar...”. Uma trajetória de vida e escolar (de)marcada pela exclusão em uma sociedade moderna abissal. Esse sujeito desde jovem teve seu direito a educação negado, além de todos os outros direitos civis básicos para a sua subsistência. É preciso, então, permitir que Éleo reflita acerca da possibilidade de não parar de sonhar e que possa buscar novas realidades, permitindo a ele a compreensão cada vez mais acerca da sua condição existencial.

6. CONSIDERAÇÕES

Buscamos compreender concepções e conceitos que atravessam a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua, a fim de esclarecer de onde partimos e de quais categorias teóricas-metodológicas adotamos e dialogamos. Assim, o estudo buscou refletir sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua, na cidade de Maceió, procurando compreender a sua condição de (in)visibilidade, através de imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos, nesse sentido traz à tona suas narrativas de vida e experiência no cotidiano escolar. Essas pessoas, na posição de subalternizados, são consideradas, muitas vezes, como sujeitos destituídos de saberes.

Nesta perspectiva, ao analisar as memórias narrativas das pessoas em situação, exigiu esforço dos pesquisadores para que não se limite a um entendimento ingênuo da realidade, desconsiderando os limites e as possibilidades entre o pesquisador, sujeitos participantes e os espaços nos quais frequentam, já que estes últimos são os espaços em que as pessoas em situação de rua transitam.

Levando em consideração a hipótese inicial, chegamos a seguinte conclusão da tese: **as pessoas em situação de rua são excluídos do convívio social na sociedade, pois o sistema capitalista os exclui, ou seja, a sociedade moderna ocidental os (in)visibilizam, vez que são sujeitos vivendo à margem da sociedade, isto é, privados das necessidades básicas humanas, pois seus direitos básicos fundamentais são negados.** No entanto, este estudo, ao trazer as memórias narrativas desses sujeitos, foi uma tentativa de dar voz aos subalternizados que frequentam os bairros, situados na cidade de Maceió. Mais que isso, é tentar tirá-los dessa (in)visibilidade através de suas histórias de vida e escolar por meio de imagens fotografias e diálogos.

No contexto traçado por este estudo, questões foram se apresentando e despertando em nós o interesse por investigar com maior afinco essas indagações que surgiam a todo instante no/com o outro. Porém, por diversas vezes nos indagamos acerca do direcionamento do nosso olhar, se caberia uma análise sustentada nas imagens fotografias, ou ainda, nas memórias narrativas reveladas pelas pessoas em situação de rua. Então, definimos que o nosso olhar partiria daqueles que estão envolvidos no cotidiano das ruas na cidade de Maceió, posto que

compreendemos que cada trajetória de vida e escolar diversificava sobretudo, porque era composta por eles com seus desejos, concepções, aspirações e motivações. São esses aspectos que se expressavam diretamente na especificidade dos dizeres dos sujeitos que narravam através de imagens fotográficas.

Diante disto, percebendo a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos desta pesquisa, buscando romper com o pensamento moderno ocidental abissal e sendo coerente com a perspectiva da ecologia de saberes, necessário se fez dar visibilidade à(s) história(s) desses sujeitos e, ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo e a partir de imagens fotográficas, do ponto de vista de alguns autores como Flusser (1985) e Samain (1995), que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças. É preciso escutá-los, e, mais ainda, enxergá-los como sujeitos produtores e portadores de cultura.

A partir da tese e dos diálogos, foi possível perceber que **as pessoas em situação de rua têm histórias de vida e escolar diferentes. No entanto, apagadas pela sociedade moderna, uma vez que estão expostos à condição de vulnerabilidade social, econômica e cultural.** É possível perceber, através das imagens fotográficas e diálogos, que esses sujeitos buscam uma "justiça social", bem como "justiça cognitiva", vez que as lembranças rememoradas remetem a episódios de resistência cotidiana, atravessados pela/na trajetória de vida e escolar. Dessa forma, as memórias, em virtude de sua dimensão subjetiva, tramam e se entranham na/pela realidade, através de (re)ações singulares e de resistência, de suas jornadas de vida e escolar.

É preciso políticas públicas mais arrojadas, inclusive uma parceria entre Universidade e Órgãos de Assistência Social. Afinal, é importante a articulação e o diálogo entre esses órgãos públicos como rede de apoio e, sobretudo, com intuito de buscar estratégias que possibilitem transformação nas vidas dessas pessoas em condição de vulnerabilidade social. Portanto, concluímos que esses sujeitos subalternizados anseiam por revelar suas histórias de vida e escolar, tal como fizeram por meio das imagens fotografadas por eles tiradas. Foi por meio das imagens que eles puderam mostra-se, expressar seus anseios, revelar suas "maneiras de fazer" como táticas de sobrevivência em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Balanço do Neoliberalismo**. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 205p.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- ALMEIDA, Milton Jose de. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DPetAlli, 2008.
- ARAÚJO, Alberto Filipe; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Ed., 2004.
- BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria y estética de la novela**. Madrid: Taurus, 1989.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRASIL**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009a.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 2009b.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DERRIDA, Jacques e ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . .diálogos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Posições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica: um estudo complexo petroquímico,** São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

DRUCK, Maria da Graça. Terceirização e precarização: o binômio anti-social em indústrias. In: DRUCK, Maria da Graça; FRANCO, Tânia (Org.). **A perda Social do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice.

Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Global, 2007.

FERRARO, Alceu R. **O movimento neoliberal: gênese, natureza e trajetória.** Sociedade em Debate, Pelotas/RS, v. 3, n. 9, p. 33-58, dez. 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A. Educação e a Crise do Capitalismo Real.** 3ª ed. Cortez editora: São Paulo, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **A formação do cidadão produtivo: a cultura do mercado no ensino médio técnico.** Brasília: Inep, 2006.

_____. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvertido. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005, p.1087-1113.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. RJ: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GURAN, Milton. **Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões**. Brasília: Prêmio Funarte Marc de fotografia, 2012.

IANNI, Octávio. **Pensamento Social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

JUNIOR, Ebenezer da Silva Melo; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. **A humanização do ser humano em paulo freire: a busca do "ser mais"**. Belo Horizonte: Revista Formação@Docente, vol. 3, nº 1, dezembro 2011.

LACAN, Jaques. **O estádio do espelho na formação da função do eu**. In: LACAN, j. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**, 2ª ed. rev. São Paulo. Ateliê Editorial, 2001.

MARCELINO, Paula Regina Pereira. **A logística da precarização: terceirização do trabalho na Honda do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARINHO, Allan; CASTRO, Ronice; AIRES, Walquiria Pereira. **Aspectos e influências do neoliberalismo e da globalização no Brasil: seletividade de classes**. o. São Paulo: Cortez, 2011.

MARX, KARL. **A chamada acumulação primitiva**. MARX, Karl. O Capital: para a crítica da economia política. Livro I, volume II, RJ: Civilização Brasileira, 2013. p. 833-885.

MELLO, Thiago. A vida verdadeira. In: **Faz escuro, mas eu canto**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOURA, T. M. M. **Uma busca de intervenção no combate ao analfabetismo no Estado de Alagoas**: a experiência de extensão como eixo de articulação entre o ensino e a pesquisa. Maceió: UFAL, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm [1844-1900]. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PARANA, D. **O Filho do Brasil**: de Luiz Inácio a Lula. São Paulo: Ed. Xamã, 1996.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. **Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação**: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. *In: Educar em revista*. Curitiba: UFPR, 2014.

PASSOS, M. C. P; Batista, R. **Saberes e memórias que emergem das fotografias**: imagens do cotidiano de trabalhadoras de uma universidade pública. Editora Petrus: LTDA, 2016.

PEREIRA, Luís Carlos Bresser. A reforma do Estado nos anos 90: lógica e mecanismos de controle. **Cadernos MARE**, Brasília, n.1,1997. Disponível em: <http://www.bressepereira.or.br/documents/MARE/cadernosMare/caderno01.pdf>, acesso em 18 de junho de 2014.

PLACER, Fernando González. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

POCHMANN, Márcio. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araujo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. **A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa**

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Londrina: discursos fotográficos, Londrina, v.12, n.20, p.98-120, jan./jul. 2016.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológico**, n. 2, p. 23-60, 1995.

_____. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, R. B.; RIBEIRO, N.N.A. . **Memórias narrativas escolares de trabalhadores de limpeza e conservação de uma universidade pública**. *In*: Carlos Marcio Viana Lima; Gerson Tavares do Carmo. (Org.). I CONPEJA Congresso Nacional de Programas Educativos para Jovens, Adultos e Idosos: qualidade em questão. 1ed. Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2017, v. , p. 74-85.

SANTOS, R. B.; RIBEIRO, N.N.A. . **Trabalhadores de limpeza e conservação de uma universidade pública: a revelação de suas práticas cotidianas através de imagens e diálogos** ? espaços narrativos de história(s) de vida. *In*: VIII Seminário Internacional (REDES) - As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e educação, 2015, Rio de Janeiro.

SARAIVA, Karla. A babel eletrônica – hospitalidade e tradução no ciberespaço. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **Derrida e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TREZZI, Clóvis. **Estética e Educação**. Criciúma: Criar Educação, v. 6, nº 2, julho/novembro 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,....., tendo sido convidado(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **“Pessoas em situação de rua: revelações de seu cotidiano através de imagens e de fotografias”**, recebi d(o,a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Maria Elione Diógenes do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a refletir sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua de Maceió, por meio de fotografias e imagens, procurando revelar seus saberes e experiências.
- Que a importância deste estudo consiste em dar visibilidade às trajetórias de escolarização e de vida das pessoas em situação de rua de Maceió.
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Reflexões sobre os saberes e experiências da população de rua; Análise de como esses trabalhadores de limpeza e conservação se sentem nos espaços onde frequentam; Estudo das implicações de invisibilidade dessa população.
- Que esse estudo(pesquisa de campo) começará em 2019 e terminará em 2020.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: Primeiramente, realizar-se-á um levantamento do quantitativo de sujeitos de rua da cidade de Maceió; Em seguida será iniciado o mapeamento e análise da trajetória escolar e de vida desses sujeitos, por meio de entrevistas semi-estruturadas; Por fim, dar-se-á a análise dos dados e relatoria final da pesquisa, concretizada por meio da dissertação.
- Que eu participarei das seguintes etapas: disponibilidade sobre documentos e dados quantitativo de pessoas de rua e da entrevista a ser realizada pelo pesquisador.
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: não há risco de incômodo visto que será mantido o sigilo da minha identidade.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: nenhuma, pois a participação no estudo não me trará nenhum risco dessa natureza, nem mesmo risco de ordem moral, como qualquer tipo de constrangimento por exemplo.
- Que deverei contar com a seguinte assistência: Informações a qualquer momento da pesquisa, sendo responsável(is) por ela: Elione Maria Nogueira Diógenes e Reinaldo Batista dos Santos.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: A contribuição para reflexão sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua de Maceió, por meio de fotografias e imagens, procurando revelar seus saberes e experiências que muitas vezes são invisibilizados pela sociedade moderna ocidental.
- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: por roda de conversa individualizada sobre a pesquisa, seu objeto e objetivos, anteriores à concessão de uma entrevista feita pelo (a) pesquisador (a) responsável e pelo (a) doutorando em questão.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

RAA

Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que eu deverei ser ressarcido por todas as despesas que venha a ter com a minha participação nesse estudo, sendo-me garantida a existência de recursos.

Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas/Centro de Educação

Endereço Campus A. C. Simões, BR 104 - Norte, Km 97 - Tabuleiro dos Martins.

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: Tabuleiro dos Martins, 57072-970, Maceió- AL.

Telefones p/contato: (82) 8801/5070

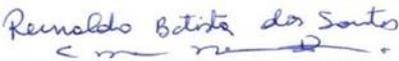
ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041

Maceió,

	
<p>Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas</p>	<p>Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)</p>

242

APÊNDICE B – ROTEIRO DE DIÁLOGO COM OS SUJEITOS

(Pessoas em situação de rua)

Dados de Gerais:

- Nome:

- Idade:

Sexo:

- Que bairro frequenta:

Estado Civil:

Filhos:

- Onde nasceu(Cidade/Estado):

Escolaridade:

- Nome da Mãe e do Pai:

- Endereço - Referência familiar:

- **Experiência: História de Escolarização:**

1 - Você frequentou a escola na infância? Onde estudou?

2 - Você lembra a idade que começou estudar? Quantos anos?

3 - Como era a escola (estrutura física)?

4 - Como eram as aulas e a professora?

5 - Você lembra de alguma aula que marcou seus estudos?

6 - Você lembra de algo na escola que marcou seus estudos, sua vida?

7 - O que você gostava e não gostava na escola? Nas aulas?

8 - Sente vontade em voltar a estudar?

- **Não frequentaram a escola:**

1 - Como você imagina a escola?

2 - Como você se sente por não ter frequentado a escola?

3 - Você acredita que sua vida seria diferente se estivesse ido à escola? O que mudaria?

4 - Sente vontade em voltar a estudar?

Experiência na rua:

9 - Qual motivo levou a rua?

10 - Você gostaria de sair da rua. Por quê?

11 - Sua escolarização (ou ausência dela) interfere de algum modo na forma como você se relaciona com outras pessoas na rua?

12 - Como você se sente “vivendo” na rua?

13 - As pessoas passam e cumprimentam você? Já pararam para conversar com você?

14 - Você acredita que poderia contribuir de alguma outra forma para-com a sociedade?

15 - Você acredita que seu saber é (ou poderia ser mais) valorizado?

16 - Você tem algum sonho, desejo. Qual?

ANEXO A - Imagens fotográficas tiradas no momento da pesquisa ou pelo pesquisador













ANEXO B - Imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos













FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Pessoas em situação de rua: revelações de seu cotidiano através de imagens e de fotografias			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 15			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Reinaldo Batista dos Santos			
6. CPF: 077.373.414-71		7. Endereço (Rua, n.º): JOSE OVIDIO DA COSTA BRAGA CHA DE BEBEDOURO MACEIO ALAGOAS 57018650	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (82) 8801-5070	10. Outro Telefone:
		11. Email: reyfera2007@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 24 / 01 / 19		 Jorge Eduardo de Oliveira Diretor CEDU/UFAL SIA/SIAAL/FAL/58	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Alagoas		13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão: Centro de Educação
15. Telefone: (82) 3214-1051		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Reinaldo Batista dos Santos</u>		CPF: <u>077 373 414 71</u>	
Cargo/Função: <u>Discente</u>			
Data: <u>24 / 01 / 2019</u>		<u>Reinaldo Batista dos Santos</u> Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Roberto Silva de Franço tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Roberto Silva de Franço

Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Marília Edna dos Santos tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Marília Edna dos Santos

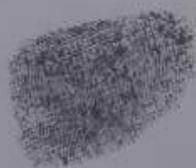
Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Ciuno Matias da Silva tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.



X

Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Mauica Jose do Santos tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.



Participante da pesquisa

A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Walter Antonio dos Santos tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof.ª Dr.ª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

x Walter Antonio dos Santos

Participante da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Eu Mania Jose da Silva tendo sido convidado(a) voluntário(a) para participar do estudo, pelo Sr. Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Profª. Drª. Elione Maria Nogueira Diogenes do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas em (tese, artigos, livros etc.) e o que o material e/ou dados coletado(s) será/serão parte do banco de dados da pesquisa.



Participante da pesquisa